

JEAN GERVÁSIO GONÇALVES MORIN

**A TRAJETÓRIA ESCOLAR DE EX-ATLETAS DE CATEGORIAS
DE BASE DOS CLUBES DE FUTEBOL EM SANTA CATARINA**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido(a) ao
Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal
de Santa Catarina para a obtenção do Grau de
Licenciado em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Alberto Brunetta
Graduando: Jean Gervásio Gonçalves Morin

FLORIANÓPOLIS

2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Morin, Jean Gervásio Gonçalves
A TRAJETÓRIA ESCOLAR DE EX-ATLETAS DE CATEGORIAS
DE BASE DOS CLUBES DE FUTEBOL EM SANTA CATARINA /
Jean Gervásio Gonçalves Morin ; orientador, Prof.
Dr. Antonio Alberto Brunetta, 2018.
57 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em Ciências
Sociais, Florianópolis, 2018.

Inclui referências.

1. Ciências Sociais. 2. Escolarização. 3.
Trabalho. 4. Futebol. I. Brunetta, Prof. Dr.
Antonio Alberto. II. Universidade Federal de Santa
Catarina. Graduação em Ciências Sociais. III. Título.

Jean Gervásio Gonçalves Morin

**A TRAJETÓRIA ESCOLAR DE EX-ATLETAS DE CATEGORIAS DE BASE
DOS CLUBES DE FUTEBOL EM SANTA CATARINA**

Estae Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Licenciado e aprovado em sua forma final pelo Programa de Graduação em Ciências Sociais com nota ____.

Florianópolis, 21 de novembro de 2018.

Prof. Tiago Daher Padovezi Borges, Dr.
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Antonio Alberto Brunetta,
Orientador

Prof.^a Dr.^a Carmen Silvia Rial
Membro da Banca Examinadora

Prof. Dr. Fabio Machado Pinto
Membro da Banca Examinadora

AGRADECIMENTOS

Ingressei no curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina com um único objetivo previamente definido: mudar o mundo, como todo bom sonhador. Pois bem, devo confessar que não foi possível concluir essa missão, porém, tive a oportunidade de mudar o meu mundo. Todo o conhecimento que me apropriei ao longo dos anos, todos os livros, textos, seminários e aulas me ajudaram a olhar para o passado através de outras perspectivas e pude, assim, me desenvolver e evoluir enquanto ser humano.

A Graduação em Ciências Sociais me fez lançar outro olhar sobre diversas questões que eu não entendia e essa incompreensão gerava certas frustrações que desencadeavam em comportamentos autodestrutivos. Não pretendo me alongar nessas problemáticas, mas ao menos pude entender que não temos culpa de nos encontrarmos onde nos encontramos hoje e que existem questões econômicas, sociais, culturais e históricas que nos ajudam a pensar e a contextualizar nossas próprias trajetórias.

Sendo assim, não poderia deixar de agradecer a todos os professores que passaram pela minha vida. Desde a pré-escola, passando pelo supletivo e a universidade. Sem eles, eu não estaria aqui.

Gostaria de agradecer as trabalhadoras e trabalhadores brasileiros que através do seu esforço diário, do seu trabalho duro, torna possível a universidade pública e o desenvolvimento social de modo geral. A classe trabalhadora constroe essa nação e o mundo, com o seu suor e suas mãos calejadas, é triste pensar que a maior a universidade não absorve a maior parte dessas pessoas. Para essa classe dedico o meu trabalho, que ele possa, humildemente, servir como instrumento para mudar essa realidade.

Gostaria de agradecer a banca presente na apresentação do presente trabalho, Profa. Dra Carmem Sílvia Rial e Prof. Dr Fábio Machado Pinto, que tão gentilmente leram, avaliaram e contribuíram para o desenvolvimento do mesmo.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Alberto Brunetta, um ser humano fenomenal e que me inspira a seguir a carreira docente. Sujeito que carrega consigo todos os elementos de um excelente professor, procurando sempre entender o contexto social, cultural e econômico dos seus alunos. Não por acaso é diretor de um dos departamentos mais importantes de uma da mais importante universidade desse país.

Agradeço, também, a minha companheira e mãe do meu filho, Maria Milagros Baguear, que não mediu esforços para me ajudar na tarefa de desenvolver essa pesquisa. Sem ela não teria acontecido. Isso sem falar em todo o suporte emocional, no apoio irrestrito e toda a confiança depositava em mim enquanto cientista social em formação. Além de ter me dado o melhor presente que já ganhei: meu filho.

Agradeço a minha mãe e a minha irmã, que foram essenciais na minha formação e sempre estiveram ao meu lado, me amando e me ajudando. Acho que minha mãe não tem noção da grandeza do que ela fez, todas as probabilidades estavam contra nós, mãe solteira, com dois filhos, ensino médio incompleto, trabalhos precários e com baixa remuneração. Acredito que quando alguma coisa boa acontece, como se formar em um curso superior, devo lembrar o passado, como a minha mãe trabalhando em dois empregos, para simplesmente conseguir sobreviver, arrumava tempo para me levar no futebol? Ou me levar para pescar? Mágica! Conseguia me motivar mesmo com todas as incertezas que nos rondavam, se hoje eu estou aqui foi porque ela me fez acreditar lá atrás que era possível. Deu-me roupa, botou comida na minha mesa, abriu mão de comer para que minha irmã e eu pudéssemos comer um pouco mais, se sacrificou por nós. Ela nos deixou uma lição primordial: não desistir jamais! Por isso hoje, nesse semestre, minha irmã se forma no curso de Psicologia e eu no curso de Ciências Sociais. Portanto, mãe, era para você estar aqui, você que é a verdadeira campeã.

Agradeço também ao meu pai que apesar da distância contribuiu como pode para a minha formação, inclusive dando o exemplo e se formando no curso de Filosofia com mais de 50 anos de idade.

Agradeço ao meu já falecido avô que foi como um pai para mim e auxiliou minha mãe na minha criação, estará para sempre na minha memória e no meu coração. Minha avó que até hoje faz tudo que pode para me ver bem, meu muito obrigado!

E por ultimo, enquanto Cientista Social, não poderia deixar de agradecer a quem criou as condições necessárias e deu a oportunidade para um jovem pobre como eu, formado no supletivo, pudesse ocupar um espaço em um local elitista como uma universidade federal. Obrigado presidente Lula, jamais vão aprisionar nossos sonhos!

“Afirmo que iniciei a minha aprendizagem sociológica aos seis anos, quando precisei ganhar a vida como se fosse um adulto e penetrei, pelas vias da experiência concreta, no conhecimento do que é a convivência humana e a sociedade”

Florestan Fernandes

RESUMO

O presente trabalho se propõe analisar as trajetórias de ex-atletas que não foram absorvidos pelo mercado do futebol profissional. Nossa pesquisa tem como objetivo compreender a relação dos mesmos com a escola e as possíveis dificuldades enfrentadas para se inserir no mercado de trabalho, identificando o quanto a formação para o futebol pode ter influenciado para a não ascensão social. Com base no referencial teórico do Bourdieu, iremos aplicar o conceito de *habitus*, violência simbólica e reprodução social para entender a trajetória desses ex-atletas. Por meio de Entrevistas Biográficas, vamos dar voz a quatro ex-atletas de futebol, e, recorrendo à Análise de Conteúdo, extrairemos informações relevantes para o desenvolvimento da pesquisa. Foram entrevistados três ex-atletas oriundos de camadas populares e, em contrapartida, um ex-atleta oriundo da classe média-alta. Porém, todos os entrevistados tem em comum a formação para o futebol de alto nível e a não absorção no mesmo. Foi possível entender que, independente da tentativa de ascensão social através do futebol, os entrevistados estavam fadados a reproduzir as condições históricas e socialmente determinadas em que foram socializados.

Palavras-chave: Futebol. Escola. Trabalho

ABSTRACT

This work is about analysing the trajectory of ex-athletes who haven't been successful as professional football players. Our research is to understand the relation of these ex-athletes with the school and the difficulties for them to get them back into work, identifying the existence of aspects that could have a negative influence for their social ascension. Based on the theory of Bordieu, we will apply the concept of *habitus*, Symbolic Violence and Social Reproduction. With Recorded Interviews of these four ex-athletes, we are going to analyse them and identify relevant information for our research. We have interviewed three ex-athletes from lower-middle-class and, for the other side, an ex-athlete who was born in an upper-middle-class family. Whilst interviewing, we could understand that, independent of trying their social ascension with professional football playing, they would be limited to reproduce their historical and social conditions.

Palavras-chave: Football. School. Work

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	10
INTRODUÇÃO.....	15
1. CONTORNOS TEÓRICOS DA RELAÇÃO ENTRE FORMAÇÃO ESPORTIVA E ESCOLAR.....	21
1.1 Interesse pelo esporte e classe social.....	21
1.2 O surgimento e apropriação do futebol com fins políticos.....	23
1.3 A indústria de formação de atletas e o mercado externo.....	24
1.4 A formação no futebol e a escolarização.....	26
1.5 O fracasso escolar e a reprodução social.....	27
2. METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS DE PESQUISA.....	29
3. ENTREVISTAS.....	34
3.1 Primeira entrevista – Mauro.....	34
3.1.1 Perfil do entrevistado.....	34
3.1.2 Contexto da entrevista.....	34
3.1.3 Trajetória esportiva.....	35
3.1.4 Trajetória escolar.....	36
3.1.5 O trabalho atual.....	37
3.2 Segunda entrevista – Nilton.....	37
3.2.1 Perfil do entrevistado.....	38
3.2.2 Contexto da entrevista.....	38
3.2.3 Trajetória esportiva.....	38
3.2.4 Trajetória escolar.....	39
3.2.5 O trabalho atual.....	40
3.3 Terceira entrevista – Sócrates.....	41
3.3.1 Perfil do Entrevistado.....	41
3.3.2 Contexto da entrevista.....	42

3.3.3 Trajetória esportiva.....	42
3.3.4 Trajetória escolar	44
3.3.5 O trabalho atual	45
3.4 Quarta entrevista – Evair	46
3.4.1 Perfil do entrevistado.....	46
3.4.2 Contexto da entrevista	46
3.4.3 Trajetória esportiva.....	46
3.4.4 Trajetória Escolar	48
3.4.5 O trabalho atual	49
3.5 O futebol, a escola e a reprodução social	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS	55

APRESENTAÇÃO

Muitos jovens brasileiros têm o sonho de ser jogador de futebol profissional e para conseguir o tão almejado sonho, aqueles com mais aptidão e que moram longe dos grandes centros do futebol vão morar em alojamentos de clubes desde muito cedo, aos 14 anos de idade, sendo este um período fundamental da vida escolar dos atletas em potencial.

Devido à intensa rotina de treinos, após os 15 anos em dois períodos, e a visão de que o futebol é o principal projeto de vida para esses jovens, uma boa parcela desses jogadores acaba abandonando a escola e, mais a frente (por questões de mercado que vão ser melhores tratadas no desenvolvimento deste trabalho), acabam abandonando também o futebol. Isso acontece normalmente entre os vinte e vinte e cinco anos, e o jovem é obrigado a se inserir no mercado de trabalho sem a formação necessária, tendo que ocupar os postos de trabalhos mais subalternos.

É importante destacar que este trabalho pretende contextualizar e problematizar a relação entre a formação de atletas de alto nível e a escolarização dos mesmos. Abaixo vou expor um pouco da minha trajetória individual, de modo a explicitar o meu interesse pela pesquisa. Pois com o conhecimento adquirido ao longo dos anos no curso de Ciências Sociais pude perceber, agora pretendo demonstrar, que o que acreditava ser minha trajetória individual diz respeito a uma questão de abrangência social.

Na escola, fui percebendo que eu tinha certo talento para o futebol. Nas aulas de educação física ou nos intervalos, sempre era o primeiro a ser escolhido, nas escolinhas sempre recebia premiações como destaque, as pessoas do meu âmbito social falavam que eu era talentoso. Até que, quando tinha 14 anos, jogando em campeonato pela escola chamado “Moleque bom de bola”, um olheiro do Criciúma Futebol Clube, me chamou, e mais três colegas do time, para um teste. Ficamos durante uma semana, alojados nas dependências do clube, treinando com as categorias de base.

Ao final daquela semana o treinador nos chamou em uma sala e falou que somente eu estava aprovado, que deveria ir para casa buscar minhas roupas e voltar para ficar morando em Criciúma, nas dependências do clube. Foi um momento de muita felicidade, alegria e medo ao mesmo tempo, já que, pela primeira vez, aos 14 anos de idade, iria morar “sozinho”, sem a supervisão da minha mãe, com outros jovens do Brasil inteiro que eu não conhecia.

Já naquele ano tive que abandonar a escola e ir para a cidade de Criciúma, não me matriculando em nenhuma escola, perdendo aquele ano letivo. Morei alguns meses nas dependências do clube e, em momento algum, fui orientado a ir para a escola, e assim como eu, diversos outros adolescentes do Brasil inteiro enfrentaram a mesma situação.

No início do ano de 2004, já com quinze anos, fomos jogar uma copa em São Paulo, chamada “taça Votorantin”, nossa equipe ficou em um alojamento em Sorocaba. Foi uma experiência incrível, minha primeira competição nacional, jogando contra os melhores times do Brasil na minha categoria. Na volta me deixaram em casa, um mês de férias, reapresentação no início de fevereiro. Apesar de ser um atleta do clube, não recebia salário e nem ajuda de custo.

Porém, nesse mês de férias, apareceu a oportunidade de jogar no Figueirense. Mais perto de casa e com uma ajuda de custo de R\$ 100,00, na época fazia toda a diferença, já que minha mãe não tinha condições de me mandar dinheiro nenhum. Fui morar no Orlando Scarpeli, estádio do Figueirense, e matriculado em uma escola perto do estádio, era início do ano letivo e comecei a estudar. Mas, devido a rotina de treinos fortes, falta de fiscalização e a falta de sentido que eu via em ir para a escola, acabei parando de ir as aulas já no início do ano e abandonando mais uma vez a escola. Eu era o jogador mais novo do alojamento, único da categoria infantil (até 15 anos), então os outros atletas se achavam no direito de me explorar, um dia tive um problema mais grave e acabei voltando para casa. Mais um ano escolar perdido.

Terminei o ano de 2004 morando na minha cidade, sem estudar e sem clube, apenas jogando futebol em escolinhas e campeonatos em cidades vizinhas que vinham me convidar. Iniciei o ano de 2005 na escola, em Garopaba, mas, pela metade do ano, apareceu a oportunidade de fazer um teste no Grêmio. Fiz o teste e fui aprovado, fiquei alguns meses em um time parceiro do Grêmio na época, chamado São José, larguei a escola novamente e fui para Porto Alegre, morar nas dependências do clube e estudar lá, mas já tinha abandonado a ideia de terminar o ensino médio. Meu projeto de vida já era o futebol, sem ter a menor dimensão de como seria difícil chegar “lá”. Um projeto precoce e completamente incerto, com um mercado altamente concorrido.

Durante esse período eu recebia uma ajuda de custo, permitia com que eu voltasse para minha cidade com alguma frequência e o fato de ser jogador de futebol me dava certo prestígio na cidade. As vindas eram cada vez mais frequentes e, pela idade, um mundo novo se abrindo, festas, bebidas, namoradas, enfim... Depois de um ano e

alguns meses forcei uma situação para ir para sair do São José e ir para o Grêmio no momento errado fiquei pouco tempo e acabei dispensado. Já tinha perdido o ano escolar de 2005 e o de 2006.

Em 2007, já com 18 anos, fui para o Clube Atlético Tubarão, morava nas dependências do clube e também não fui sequer matriculado em uma escola, fiquei pouco tempo e acabei desistindo, queria sempre voltar para minha cidade, com minha mãe, irmã e amigos.

Acredito que por toda a pressão sofrida desde muito cedo, de tentar uma ascensão social através do futebol, tirar a família da pobreza, enfim, acabei entrando no mundo do álcool e das drogas, fazendo com que acabassem as chances de jogar futebol profissionalmente, tendo em vista que a ferramenta de trabalho de um jogador de futebol é o corpo, e o álcool e as drogas o prejudicavam, além de toda a questão disciplinar.

As coisas na minha vida sempre foram muito intensas e com as drogas não foi diferente. Muito rápido eu já era completamente dependente. Aos 20 anos, sem emprego, sem ter estudado, depois de ter fracassado no futebol e usuário de drogas, não conseguia suportar mais essa realidade e pedi ajuda para minha mãe, afirmando que queria me internar e mudar o estilo de vida. Era uma clínica de reabilitação com base no trabalho braçal e na religiosidade, um tratamento de nove meses, mas nela permaneci por apenas três, aproximadamente.

Ao sair da clínica morei alguns meses no Rio Grande do Sul e voltei para minha cidade, já com um trabalho em uma fábrica de empanados. Trabalhei duro durante nove meses, até que um dia resolvi tentar voltar a jogar futebol novamente. Entrei em uma academia, parei de fumar cigarro, consegui um clube no Rio Grande do Sul, em Cachoeira do Sul. Fiquei deslumbrado e completamente feliz por ter conseguido voltar a jogar em alto nível e por esse time ter me oferecido contrato, porém, como nem tudo são flores, o estádio municipal da cidade não passou no laudo da Polícia Federal e o clube decidiu fechar as portas para o segundo semestre, muito frustrante, fazendo com que tivesse que voltar para minha cidade. Como eu estava afastado do futebol por algum tempo e com o “filme queimado” foi difícil conseguir outra oportunidade.

Após mais uma tentativa frustrada no futebol e o completo esvaziamento do meu primeiro projeto de vida, decidi estudar novamente. Voltando a minha cidade recomecei a trabalhar na mesma fábrica de empanados, comecei a perceber melhor a vida, entender que essa seria minha rotina para sempre: trabalhar como operário em uma linha de

montagem até me aposentar. Isso começou a me fazer perder o sono, não conseguia aceitar. Como a maioria dos jovens oriundos de camadas populares, sempre fui apegado a um estilo musical, o RAP, que tem letras fortes e de protesto, com forte crítica social. A música, aliada a vida que eu estava levando, me fez ir adiante e buscar algo a mais, comecei a conhecer os movimentos sociais, a política, as lutas dos trabalhadores e assim fui conhecendo os intelectuais críticos da realidade social em que vivemos e me introduzindo nos movimentos de esquerda.

Assim, mesmo trabalhando entre 10 e 11 horas por dia, decidi que faria supletivo, voltaria a estudar e faria faculdade. Comecei a fazer supletivo (educação de jovens e adultos) com a minha mãe, ainda era naquele formato em que se eliminavam matérias. Assim fomos indo, devagar, pegando duas disciplinas por vez, até terminar. Trabalhando durante o dia e indo as aulas à noite. Na reta final do supletivo, comecei a fazer um cursinho pré-vestibular que abriu na minha cidade e, mesmo com uma dificuldade incrível em disciplinas de exatas, consegui passar no primeiro vestibular que eu fiz, no ano de 2012, para UFSC, no curso de Ciências Sociais.

Durante o primeiro semestre de graduação, eu ainda tinha uma reserva de dinheiro do meu último trabalho e, quando essa reserva acabou, fui contemplado com a bolsa permanência, que me possibilitou chegar até aqui. Continuei morando na minha cidade, indo e voltando todos os dias, duas horas de viagem para ir e mais duas horas para voltar. Hoje falta apenas terminar o Trabalho de Conclusão de Licenciatura para que eu consiga me formar, apesar de todas as dificuldades, vou ser o primeiro membro da minha família a me formar em uma universidade federal.

Ingressei na universidade com toda a insegurança do mundo, afinal, ser um aluno de escola pública que cursou o ensino médio normal já é ruim, imagina para um estudante que veio do supletivo? Não tinha familiaridade alguma com os temas tratados nas aulas, tudo era algo muito novo e difícil para mim, desde a linguagem usada na academia até os temas das disciplinas. Porém, aos poucos fui ganhando confiança, me apropriando dos conteúdos e me desenvolvendo enquanto estudante do curso de ciências sociais e hoje estou prestes a me formar.

Ao iniciar esta apresentação, escolhi o nome do título “minha trajetória individual, que não é tão individual assim...” justamente por observar os destinos da grande maioria dos meus antigos companheiros de alojamento que não deram sequência no futebol. Fora a última parte da minha vida, em que eu volto a estudar e consigo ingressar na universidade, nossos caminhos foram exatamente os mesmos, eles

abandonaram o futebol e foram inseridos no mercado de trabalho sem formação nenhuma, nas posições mais subalternas. Não é uma questão meramente individual, existem mecanismos sociais que condicionam nossas escolhas e delimitam os horizontes dos nossos destinos.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho se propõe a problematizar um processo muito específico da sociedade, que é a formação de atletas que não foram absorvidos pelo mercado de trabalho para o qual foram lapidados e, portanto, tem que ganhar a vida de outra maneira.

O objetivo da presente pesquisa é entender as questões sociais neste campo específico. Pretende-se analisar, com base no referencial teórico da sociologia, aquilo que está por trás das aparências e dar voz aos sujeitos que protagonizam o insucesso profissional no futebol. A intenção deste trabalho é percorrer as esferas da escola, do futebol de alto nível e o ingresso no mercado de trabalho quando a profissionalização no esporte não é bem sucedida.

Ao mapear a literatura produzida sobre a temática da relação entre formação de jovens atletas, encontramos alguns trabalhos que dialogam com essa pesquisa, de modo que questões fundamentais que permeiam esta pesquisa foram trabalhadas nesses textos. Os trabalhos analisados tratam exclusivamente da formação de atletas de alto nível e o comportamento social estabelecido nos determinados campos sociais onde estão inseridos os atletas.

A formação desses possíveis atletas está sob a influência de diversas variáveis, e o desenvolvimento da técnica e métodos de treinamento específicos apontam para um longo processo de aprendizagem sistemática, como forma de condicionar os adolescentes a se transformarem em atletas de alto nível. Em todos os trabalhos analisados observamos a ênfase na alta carga de trabalho para o processo de aprendizagem das técnicas esportivas que permitem o aperfeiçoamento.

Uma questão importante a se pensar é o conceito de “talento inato” que permeia o senso comum e que, através de estudos de campo em algumas áreas do conhecimento, entendemos que não é meramente o “talento inato” que determina o desenvolvimento de um atleta de alto nível. Para desconstruir a questão do “talento inato” podemos observar o altíssimo tempo de trabalho de jovens de categorias de base, pois segundo Melo (2010, p. 21) um jovem atleta tem quase a mesma carga horária de trabalho que um jovem estudante na escola.

Também entendemos que para a maioria dos jovens em situação de total vulnerabilidade social é muito difícil se tornar um atleta de alto nível, para isso

podemos usar o exemplo do boxe nos EUA, esporte com forte apelo social, como o futebol no Brasil, segundo Wacquant (2002, p. 61):

É preciso, no entanto, sublinhar que, contrariamente a uma imagem bastante difundida, vinda do mito indígena do "boxeador que tem fome" e periodicamente reavivada pela atenção seletiva da mídia para os representantes mais exóticos da profissão – tal como o campeão de todas as categorias Mike Tyson – os boxeadores não são geralmente recrutados entre as frações mais deserdadas do subproletariado do gueto, mas sim no interior das franjas da classe operária local, nas bordas da integração socioeconômica estável. Essa (auto) seleção, que tende de fato a excluir os mais excluídos, não se opera sob o efeito de uma penúria de recursos monetários, mas pela mediação das disposições morais e corporais acessíveis a essas duas frações da população afro-americana. É pelo viés das inclinações e dos hábitos exigidos pela prática pugilística que os jovens saídos de famílias mais despossuídas são eliminados: tornar-se pugilista exige, de fato, uma regularidade de vida, um sentido de disciplina, um ascetismo físico e mental que não pode se desenvolver em condições sociais e econômicas marcadas pela instabilidade crônica e pela desorganização temporal. Abaixo de um determinado limiar de estabilidade pessoal e familiar objetiva, torna-se altamente improvável adquirir os meios corporais e morais indispensáveis para amadurecer com sucesso no aprendizado desse esporte.

A rotina árdua de treinamentos, às vezes em dois períodos, e viagens para competições faz com que os candidatos a atletas profissionais tenham que abdicar de muitas coisas comuns presentes na vida social de jovens dessa faixa etária. O início da formação para se tornar um atleta de alto nível pode começar antes dos 12 anos de idade, e implica mais ou menos 5 mil horas de treinamento físico/técnico específico ao longo de 10 anos (DAMO, 2005).

Tanto investimento de tempo na formação profissional pode trazer prejuízos na formação escolar, além do mais quando esses atletas em potencial não são bem sucedidos no esporte, dificilmente conseguem reaproveitar o capital corporal, adquirido com anos de treinamento intenso, para conseguir uma carreira e um modo de se estabelecer no mercado de trabalho (SOUZA et al., 2008). Essa relação entre carga alta de trabalho físico, às vezes em dois turnos, durante o período de vida escolar, nos faz refletir sobre essa relação entre trabalho e escola.

Existem grandes contradições entre esses dois campos, escolarização dos atletas e profissionalização, principalmente ainda tão jovens. Sabemos que em um país subdesenvolvido e com fortes traços de uma cruel desigualdade social o esporte de alto nível se mostra como uma alternativa sedutora de ascensão social, muitos jovens oriundos de camadas populares vão atrás desse sonho que permeia o imaginário coletivo do brasileiro em ser jogador de futebol profissional, mas sem ter a real dimensão de como esse mercado é altamente competitivo e de como os postos de trabalho com boa remuneração são poucos. A maioria dos jogadores de futebol no Brasil vive uma realidade bem distinta daquela que permeia o imaginário social brasileiro: luxo, fama, sucesso e muito dinheiro.

Segundo uma pesquisa publicada pelo jornal Estadão¹, encomendada pela Federação Internacional dos Futebolistas Profissionais (FIFpro), a maioria dos atletas vivem a sombra de todo esse sucesso que enriquece cartolas e dirigentes mundo afora. A pesquisa foi feita com a ajuda da Universidade de Manchester, na Inglaterra. 52% dos atletas brasileiros entrevistados sofrem com atraso de pagamento, 83,3% ganham menos que R\$ 3.500,00 e, também, são os atletas que tem o tempo de contrato mais curto, convivendo com a incerteza.

Ou seja, podemos ter uma noção de como é uma carreira que exige uma alta carga de trabalho físico - como todo atleta que busca superar seus limites - para pleitear uma vaga de trabalho extremamente concorrida onde a imensa maioria dos atletas em potencial não é absorvida pelo mercado e, quando absorvida, a maior parte ganha salários muito pequenos, tendo em vista que é uma carreira curta comparada a de outras profissões.

É importante ter em mente que os desejos construídos culturalmente (o sonho de ser jogador de futebol, presente na formação da consciência dos jovens brasileiros) são mais fortes que as oportunidades concretas de realizá-los. Toledo (2002) indica que menos de 1% dos jovens que fazem testes nos clubes especializados são aprovados nas “peneiras” (método de seleção de atletas pelos clubes). Damo (2005) indica uma porcentagem parecida no Sport Club Internacional, lugar onde realizou sua pesquisa.

Quando esses jovens ingressam nas categorias de base dos clubes, em alguns casos, o atleta, mesmo antes dos 15 anos, pode ganhar um salário maior ou igual ao que

¹ <http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,no-brasil-jogador-de-futebol-e-ameacado-e-ganha-mal,10000093665> – Acesso em 20 de maio de 2018

o seu próprio responsável, quando o clube avalia que o jovem é mais talentoso. Essa possível valorização salarial ainda tão jovem traz a chance de transformar o futebol em um projeto familiar, fazendo com que as famílias pobres façam grandes sacrifícios para manter seus filhos na carreira de jogador de futebol (RIAL, 2006).

Mas, voltando ao foco deste trabalho, e os ex-atletas que terminam o período de categoria de base e não são absorvidos pelo mercado? O período chamado de categoria de base no futebol, no qual o garoto passa a ser um atleta em potencial e começa a ser lapidado, coincide com o período da escolarização, em nível da educação básica. Para ambas as carreiras, no futebol e escolar, esse é um momento decisivo, e as trajetórias tendem a desviar-se para uma das carreiras.

Para exemplificar, o atleta que começa na categoria mirim aos 12 anos (idade equivalente ao sexto ano escolar) se completasse o ensino médio aos 17 anos (quando estaria no último ano da categoria sub-17) teria tido, uma carga horária de 4.800 horas na escola contra 4.165 horas de treinamento no futebol, sem contarmos os jogos nos finais de semana. Isso nos permite vislumbrar o significado do tempo gasto para a formação no futebol (MELO, 2010, p. 21).

Vale ressaltar que boa parte dos jovens que integram as categorias de base dos grandes clubes brasileiros tem suas origens em outros lugares, ou seja, vivem nas dependências dos clubes, há um processo migratório no qual os atletas vêm de outras cidades e Estados. Os jovens que migram em busca dos seus objetivos são, muitas vezes, separados da família e, quando dão prosseguimento na carreira, ficam nessas condições até a profissionalização. Em outras palavras, durante o período escolar estão longe do controle dos pais. Atletas migrantes, que vivem nos alojamentos dos clubes, possuem um número maior de abandono escolar, reprovação e atraso do que os atletas que vivem com suas famílias (MELO, 2010, p. 21).

Há uma clara e evidente diferença entre o que o senso comum tem no imaginário sobre as chances de se tornar um jogador de futebol profissional que de fato consegue ascender socialmente e a imensa maioria que fica pelo caminho, devido a alta competitividade e os pouquíssimos postos de trabalho, como registrado anteriormente.

O que leva os jovens brasileiros a investir tempo, recursos – que é especialmente escasso para aqueles oriundos de camadas populares - e muito esforço para se transformar em jogador de futebol profissional mesmo com um mercado tão

competitivo e de difícil acesso? Como esses jovens conciliam suas formações para serem atletas de alto nível e estudante ao mesmo tempo? E como se sentem e o que pensam da relação entre suas trajetórias esportiva, escolar e como se relacionam com a sua condição de trabalho atual? O que acontece com os jovens atletas que não são absorvidos pelo mercado do futebol profissional e não conseguem extrair sua subsistência do esporte? Caso a profissionalização seja frustrada, não se torna muito mais difícil a reconversão do capital adquirido com anos de treinamento físico pesado?

Vale então destacar os riscos que correm os jovens que optam por priorizar a carreira de jogador de futebol em detrimento da formação escolar, pois ao não ser absorvido pelo mercado do futebol profissional e não ter sucesso na trajetória escolar, os jovens oriundos de camadas populares são obrigados a adentrar o mercado de trabalho da forma mais subalterna possível, já que não possuem sequer a formação básica, e a família, na maior parte dos casos, pressiona para que comecem logo sua vida profissional para ajudar com as despesas de casa. Os jovens passam da condição de possíveis atletas de alto nível à ocupação de posições subalternas no mercado de trabalho, estando impedidos de reconverter e usar tudo o que incorporaram ao longo dos anos nas categorias de base para conseguir um posto de trabalho melhor.

A profissão de jogador de futebol profissional é muito peculiar e o prazo para a profissionalização é curto, normalmente no fim da adolescência. Quando o jovem não é absorvido pelo mercado do futebol ele não tem como reconverter todo o tempo e recursos investidos para tentar outra profissão e no decorrer do passar do tempo o ingresso no futebol fica cada vez mais difícil.

Ou seja, esses jovens dedicam uma boa parte de suas vidas para a carreira de jogador de futebol profissional, iniciam os treinamentos na infância e vão até o final da adolescência, é um projeto de vida arriscado. Talvez a escola pública ofereça ainda menos esperança de ascensão social, principalmente antes das cotas (sociais e raciais) e de programas como o PROUNI e FIES, a universidade não fazia parte dos horizontes dos jovens de camadas populares (caso dos sujeitos desta pesquisa), de modo que o futebol se apresentava como uma das poucas alternativas. O futebol surge como um projeto de vida para as famílias desses jovens e há um esforço (no sentido de angariar recursos) dos membros da família, e em alguns casos da comunidade, para manter o jovem no clube treinando.

A frustração no final do processo de formação e o não ingresso no mercado do futebol é muito grande, a entrada no mercado de trabalho formal para esses jovens é

difícil. Esses jovens vão exercer uma profissão muito diferente daquela para as quais se prepararam no início de suas vidas.

Em suma, é bastante comum encontrar casos de ex-atletas que não concluíram o ensino médio, que não tem cursos de especialização e são “obrigados” a se empregar em lugares que exigem pouca qualificação e, na maioria das vezes, remuneração muito baixa. Ao longo do trabalho, iremos dar voz a quatro ex-atletas e buscar entender os sentidos que os sujeitos atribuem às suas trajetórias esportivas, escolar e o grau de satisfação ou insatisfação com a sua atual condição de trabalho.

Para tanto, o presente trabalho busca analisar as trajetórias de ex-atletas de categorias de base e compreender as relações que se dão nesse período tão importante da vida de uma pessoa. Pretendemos analisar o processo de formação profissional desses ex-atletas, a relação deles com a escola e, por consequência da não absorção no mercado do futebol, a inserção dos mesmos com pouca escolarização em os postos mais subalternos e com os menores salários.

Iremos buscar conhecer o caminho percorrido por esses ex-atletas, oriundos de camadas populares, que saem de casa tão precocemente com o objetivo de se tornar jogadores de futebol profissional e acabam abandonando a escola. Ou seja, em outras palavras, vamos tentar entender como se dá a relação entre o futebol, a escola e o mercado de trabalho.

1. CONTORNOS TEÓRICOS DA RELAÇÃO ENTRE FORMAÇÃO ESPORTIVA E ESCOLAR

1.1 Interesse pelo esporte e classe social

É importante para a esta pesquisa refletir sobre o motivo de tantos jovens de camadas populares se interessarem pelo futebol, a ponto de fazer do mesmo um projeto de vida onde toda a família é envolvida. Bourdieu (2007) nos apresenta uma análise sobre as bases sociais daquilo que entendemos por “gosto”. Ao desenvolver essa análise o autor acaba refutando a ideia de gosto como algo inato do ser humano, como algo meramente individual.

Então como esses jovens escolhem o caminho do futebol? Segundo Bourdieu (2003) não é uma questão biológica, nosso gosto não é algo construído individualmente de acordo com pré-inclinações inatas. Mas, justamente o contrário. Segundo o autor, nossos gostos são construídos socialmente, o gosto é assimilado e incorporado ao longo de nossas trajetórias sociais, estruturando e sendo estruturado pelo nosso *habitus* de classe – é o que mais condiciona nosso estilo de vida, segundo Bourdieu.

Desde o nosso gosto por música, gosto por roupas, visão de mundo, questões políticas até nossa inclinação para determinados esportes são alinhadas entre si e encontramos bastante afinidade entre as pessoas que pertencem a nossa fração de classe.

Partindo deste pressuposto, não é possível para nós entender o gosto pelo esporte sem entender as relações de cada classe social com o corpo, sem entender como cada classe entende o corpo e como se relacionam com ele. As classes mais privilegiadas se inclinam mais a tratar o corpo como um fim em si mesmo, já as classes trabalhadores o veem como um instrumento. Como observou Bourdieu (apud VIGALLERO, 2005, p. 90).

[...] a relação instrumental com o próprio corpo, que as classes populares exprimem em todas as práticas, tendo o corpo como objeto ou desafio, regime alimentar ou cuidado com a beleza, relação com a doença ou com os cuidados com a saúde, também se manifesta na escolha dos esportes, requerendo um grande investimento de esforços, de fadiga ou de sofrimento (como o boxe) e às vezes exigindo que se coloque em jogo o próprio corpo (como o motociclismo, o

paraquedismo, todas as formas de acrobacia e, em certa medida, todos os esportes de combate).

Para Bourdieu (2003) o gosto pelo esporte, como qualquer outro, também é uma vontade de distinção social. Mas o que significa isso? Para o autor, primeiro porque se diferencia os que gostam de esporte e os que não gostam, e, entre os que gostam, alguns gostam de uma modalidade e outros de outra modalidade e, ao distinguir, se hierarquiza. Assim os esportes se colocam em hierarquias que vão dos mais legítimos para os menos legítimos

[...] a lógica da distinção consiste em manter uma distância distintiva entre as práticas: logo que uma prática se difunde, e perde assim o seu valor distintivo, é substituída por outra, reservada aos membros das classes dominantes. (BONNEWITZ, 2005, p. 108).

Bourdieu (2003) notou que quando o tênis se popularizou na França ocorreu um afastamento desse esporte pelas classes sociais mais privilegiadas. Para o autor a distinção não se dá apenas pelo consumo de mercadorias legítimas, mas, também, pelo uso legítimo do esporte. Determinados esportes são para determinadas classes. Por exemplo, ao assistir uma partida de golfe não é socialmente aceito ficar pulando, xingando e discutindo com os torcedores rivais, como no futebol.

Os conflitos que vem do processo de valorização simbólica dos esportes se fortalecem em sociedades caracterizadas pela desigualdade naquilo que diz respeito à distribuição de recursos e poder. Sendo assim, o valor que as classes populares atribuem para as práticas esportivas possui um peso muito menor do que o atribuído pelas classes dominantes. Ou seja, as classes dominantes que impõem as funções legítimas dos esportes.

Porém, vale ressaltar, que as barreiras sociais para o consumo de determinadas modalidades esportivas consideradas legítimas não são somente de forma econômica, a prática de determinados esportes exigem o aprendizado de técnicas muito cedo além das questões de sociabilidade. O hábito de qualquer esporte exige um contexto social que promova e estimule a prática.

Bourdieu (1988) nos mostra que os grupos dominantes não apenas se distinguem socialmente consumindo as atividades esportivas que eles próprios consideraram legítimas, mas, também, menosprezam as atividades que eles consideram como ilegítimas. No Brasil, por exemplo, não é difícil encontrar jornalistas e frequentadores de camarotes nos jogos de futebol, que classificam as torcidas organizadas e as camadas populares como bárbaros e selvagens.

As camadas populares, como aponta o autor, tendem a aceitar a hierarquização imposta pelas camadas mais privilegiadas, ainda que com uma resignação respeitosa. Assim, os integrantes das classes menos abastadas reconhecem a distinção e o que é nobre, porém, ao mesmo tempo, reconhecem que não é o tipo de esporte que gostariam de praticar ou apreciar. Como aponta Bourdieu (2003) isso se deve por aquilo que denomina de “ideologia do gosto natural”, que apaga o caráter totalitário do processo de valorização.

Thompson (2000, p. 210), ao analisar o processo de valorização simbólica, destaca que as camadas populares encontram variadas estratégias para lidar com a rejeição. Afinal eles são capazes de reconhecer a violência simbólica a que estão expostos. Nos últimos anos temos vivido um processo de elitização dos estádios e o afastamento, devido aos altos preços dos ingressos, das camadas populares dos campos. Porém, ao mesmo tempo, há uma perda da identidade da relação entre o clube e a torcida, também há um repúdio completo daqueles que foram excluídos dos estádios para com os que agora são o público consumidor e o seu modo frio de torcer. Não seria essa uma estratégia para lidar com a rejeição?

Após entender que o futebol - e o esporte em geral - não é uma questão de gosto meramente individual e sim que nossos gostos são moldados socialmente, vale destacar o papel do futebol no mercado e como as classes dominantes se apropriam do esporte para atingir seus objetivos. O presente trabalho trata da formação de atletas de alto nível e as consequências daqueles que, por diversos motivos, não são absorvidos pelo mercado do futebol, portanto, é importante entender como é o mercado dos jogadores de futebol.

1.2 O surgimento e apropriação do futebol com fins políticos

O futebol se desenvolveu e se estruturou de fato no final do século XIX em decorrência da expansão capitalista e na configuração dos Estados-Nação para a

construção do sentimento de pertencimento nacional (MACHADO, 2004). Com o passar do tempo esses sentimentos de identidade foram se transformando em valor agregado aos produtos e aos corpos ligados ao esporte. Além de produzir o sentimento de coesão ou oposição essas identidades foram capazes de agregar valor às mercadorias que estavam presentes no mercado (SOAREZ, 2006).

O crescimento do futebol, no nosso continente, a América Latina, se deu nas disputas de classes onde os grupos buscavam o domínio das instituições esportivas para fins políticos. O futebol era um terreno fértil para a aquisição de capital político, uma ocupação para as camadas populares e com um enorme potencial para a indústria do espetáculo tendo em mente que cada vez mais gente era atraída pelos encantos do esporte. O esporte, também, era parte do projeto de modernização dessas sociedades e, para as camadas populares, a possibilidade de ascensão social através do mesmo (ARCHETTI, 2003).

Além do mais, o futebol possibilitou que países como Brasil e Argentina participassem do mercado internacional exportando mais do que matérias primas para a produção de mercadorias: exportavam também corpos (ARCHETTI, 2003). As transferências de jogadores formados na América Latina para a Europa ocorreram durante todo o século XX, porém, no último quarto do século isso ficou muito mais intenso criando uma verdadeira máquina de produção de atletas para a exportação.

1.3 A indústria de formação de atletas e o mercado externo

A indústria de formação e exportação de jogadores de futebol no Brasil já foi objeto de diversas análises no Brasil (HEAL, 1997; PRONI, 2000; DAMO, 2005; ALCANTRA, 2006) as quais, em geral, apontam para algumas questões que devemos levar em consideração para o desenvolvimento deste trabalho.

O primeiro ponto são as administrações patrimonialistas e amadoras dos dirigentes de clubes brasileiros e o pouco profissionalismo desses diretores, normalmente senhores brancos e de cabelos brancos, descendentes da elite europeia, (não me lembro de nenhum dirigente de clube negro, mesmo em um país como o Brasil com a maior parte da população negra). Há centralidade dos empresários e agentes de jogadores durante a nova configuração do mercado.

Os pouquíssimos postos de trabalho e clubes com calendários para jogar durante o ano inteiro, a maioria dos clubes fecham as portas no segundo semestre, deixando

uma grande parte dos jogadores de futebol sem emprego. Os baixos salários para a maioria dos jogadores de futebol brasileiros, valendo ressaltar que apenas uma minoria, menos de 5% dos jogadores, ganha o suficiente para ascender socialmente e viver só do futebol.

O negócio futebol tem peso considerável na exportação brasileira. As vendas de jogadores estão entre os serviços exportados pelo país que apresentou aumento de 34% em 2005 (cerca de US\$ 6 bilhões). Esse grupo de serviços representa 40% das exportações brasileiras (toda a exportação brasileira de serviços gerou US\$ 16 bilhões em 2005) (ALCANTARA, 2006, p. 299).

Esse fenômeno da emigração em grande escala de jogadores de futebol nos mostra um cenário ainda mais agravante sobre o nível estrutural e a conectividade desse mercado global do futebol. Podemos destacar, também, que o futebol não está desconexo da sociedade e, portanto, esse fenômeno faz parte de uma teia de relações maiores e mais complexas entre países pobres e países ricos.

Esse contexto fez nascer um tipo especial de produção em massa de jogadores de futebol que visa apenas atender as demandas do mercado externo. Os adolescentes que outrora sonhavam em vestir as camisas dos seus clubes de infância agora sonham em ir jogar na Europa. Logicamente os salários variam de mercado para mercado, dependendo do grau de visibilidade e o número de clientes (torcedores) dos clubes para que os jovens vão. Os principais mercados são o Inglês, Italiano, Espanhol, França e Portugal, esses são os principais destinos dos jogadores formados no Brasil.

Segundo os cálculos da CBF – Confederação Brasileira de Futebol – 25% dos jogadores vão tentar a sorte em outros países vão para países sem nenhuma tradição no esporte, mas, mesmo assim, os salários são muito mais atraentes que a grande maioria dos clubes brasileiros (JACOBS; DUARTE, 2005).

Podemos entender que o fluxo de emigração desses atletas brasileiros para o exterior virou o principal objetivo da indústria de formação profissional no futebol em nossa sociedade e, como vimos anteriormente, movimentava muito dinheiro. Com a demanda internacional em alta, também aumenta a demanda por jovens brasileiros

dispostos a abandonar suas famílias para tentar se profissionalizar no futebol, ingressando em uma categoria de base.

Configura-se, então, uma indústria forte de formação de atletas profissionais no futebol para atender as demandas do mercado interno e externo e a principal matéria prima desta indústria são jovens - normalmente jovens entre 12 e 18 anos, no período da sua formação escolar - oriundos de camadas populares que buscam uma ascensão social através do esporte, e que já tiveram seus gostos moldados socialmente.

1.4 A formação no futebol e a escolarização

Os jovens que aspiram pela profissionalização no futebol são obrigados a dividir seu tempo entre treinamentos físicos/técnicos e a escola. Partindo da experiência concreta sobre o tema e com base na literatura produzida na área, podemos entender que a entrada e a permanência desses jovens de camadas populares nos clubes só são possíveis por um projeto familiar estruturado (RIAL, 2006). O tempo que um jovem atleta tem de treinamentos é equivalente ao tempo que tem de aulas na escola, a conciliação dessas atividades é difícil e muitas vezes contam com a flexibilidade de professores e diretores de escolas. Vale ressaltar que a vida de um atleta em formação conta com viagens para competições frequentemente, o que faz com que se percam aulas escolares.

Os clubes que formam esses meninos, normalmente, mantêm seus atletas matriculados em escolas, mas a maioria dos atletas que chegam para ingressar nos clubes de outros Estados tem um histórico de abandono escolar ou defasagem na aprendizagem maior (MELO, 2010).

Sabemos dos problemas apresentados pelas escolas brasileiras e o pouco significado que as aulas têm na vida prática dos alunos, mas esses jovens atletas enfrentam problemas ainda maiores que a maioria dos jovens oriundos de camadas populares para a sua escolarização: rotina de treinamento intensivo, forte cansaço físico, pouco tempo para estudar fora da escola, viagens para competições que impossibilitam o acompanhamento normal do conteúdo, falta de motivação diante do insucesso escolar e interesse quase obsessivo pelo futebol, o que torna a escola ainda menos interessante. Enfim, diante de todas essas questões a escola se torna algo menor na vida desses jovens (DAMO, 2005).

1.5 O fracasso escolar e a reprodução social

Além das questões mencionadas anteriormente, os jovens atletas oriundos de camadas populares enfrentam dificuldades ainda maiores, as quais Bourdieu denomina como “violência simbólica”. Esta violência é entendida como a imposição que os alunos sofrem em sala de aula de uma cultura específica, considerada como legítima. Entretanto, essa cultura apresentada como legítima é transmitida aos alunos como “neutra”.

A escola, na visão de Bourdieu, não é considerada uma instituição neutra, que parte de um critério universalista. Muito pelo contrário, ela é considerada como uma instituição que estimula à reprodução e à dominação exercida pela classe dominante sobre as classes dominadas.

Sendo assim, podemos entender que para um aluno da classe dominante, a cultura escolar é considerada como a sua própria cultura, enquanto que para um aluno proveniente das camadas populares, esta cultura é uma cultura estranha e que deve ser decifrada.

Ainda sobre a escola, o autor observa que a mesma não está relacionada somente à aprendizagem de conteúdos, também avalia uma técnica verbal e uma “elegância” particular no trato com o saber e a cultura. Aqueles que não cresceram nos seios da cultura dominante, na maior parte das vezes, não conseguem o mesmo desempenho, criando, conseqüentemente, uma frustração e possível afastamento da escola.

A dificuldade de aprendizagem enfrentada pelos jovens oriundos de camadas populares da cultura imposta como legítima, acaba gerando desinteresse por parte dos mesmos, até o ponto de não enxergarem na escola uma oportunidade de ascensão social.

A cultura dominante imposta pela escola e, alheia à realidade cultural da qual partiram esses jovens, faz com que as melhores oportunidades sempre acabem nas mãos daqueles que fazem parte desta cultura. De modo que, este movimento vai passando de geração em geração.

A incorporação de códigos escolares realça um *habitus* de classe. O *habitus* é a base determinada pelo lugar socialmente ocupado pelo indivíduo, que estrutura desde seu modo de pensar até o seu modo de agir.

[...] o *habitus* é, com efeito, princípio gerador de práticas objetivamente classificáveis e, ao mesmo tempo, sistema de classificação de tais práticas. Na relação entre as duas

capacidades que definem o *habitus*, ou seja, capacidade de produzir práticas e esses produtos (gosto), é que se constitui o mundo social representado, ou seja, o espaço dos estilos de vida (BOURDIEU, 2007, p. 162).

Para Bourdieu, o comportamento dos indivíduos é condizente com o contexto em que estão inseridos, ou seja, o *habitus* é produto do conjunto de relações sociais do indivíduo. Portanto, os jovens atletas oriundos de camadas populares possuem um *habitus* diferente e não encontram sentido na escola, e o futebol de alto nível se apresenta como uma oportunidade de ascensão social. Apesar de todas as questões de mercado citadas anteriormente, esses jovens abrem mão da escola para buscar a profissionalização no futebol.

Diante de todas as adversidades que se apresentam no caminho desse segmento específico, esta pesquisa vai analisar as trajetórias desses ex-atletas para tentar entender as relações entre escola e futebol, de modo que, seja possível observar como foi a inserção dessas pessoas no mercado de trabalho. Também, vamos tentar entender, a partir dessas perspectivas, o grau de satisfação de cada um com seu emprego atual. Por outro lado, observaremos a relação existente entre a origem social do ex-atleta e a posição que ocupa atualmente no mercado de trabalho, mesmo com trajetórias esportivas iguais.

2. METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

Ao analisar os possíveis recursos metodológicos para o desenvolvimento desta pesquisa, optamos pelo procedimento chamado de “Entrevista Biográfica”. A entrevista biográfica é uma ferramenta que nos permite construir uma análise qualitativa das trajetórias esportivas, educacionais e profissionais dos ex-atletas de futebol escolhidos para fundamentação da nossa pesquisa, de tal forma que seja possível dar sequência na teorização do presente trabalho.

Este procedimento metodológico adotado para fundamentar esta pesquisa, teve origem na França, final dos anos 1990. Dois sociólogos franceses, Didier Demazière e Claude Dubar, aplicaram esta metodologia ao analisar o percurso profissional de jovens franceses de baixa escolaridade, em situação de desemprego (MATTOS, 2015). Segundo os mesmos:

as entrevistas não nos fornecem fatos, mas sim enredos. As palavras ditas exprimem o que o sujeito vive ou viveu, seu ponto de vista sobre o ‘mundo’ que é o ‘seu mundo’ e que ele definiu à sua maneira, ao mesmo tempo em que ele tenta convencer o seu interlocutor sobre a sua validade (DEMAZIÈRE; DUBAR, 2009 apud MATTOS, 2015, p.551).

Desta forma, é possível afirmar que a entrevista biográfica é uma ferramenta que da voz ao entrevistado, sem perder a objetividade, dando a prerrogativa ao entrevistador de conduzir a temática da entrevista, para que o entrevistado possa, por sua vez, construir um enredo acerca do tema (MATTOS, 2015).

A partir da análise qualitativa de fatores objetivos e subjetivos relacionados às experiências dos entrevistados, iremos abstrair conteúdos relacionados à prática de esporte, escolarização e ingresso no mercado de trabalho após o insucesso no futebol de alto nível.

O pressuposto de tal procedimento metodológico é que a palavra do entrevistado preenche demandas do entrevistador, de modo que seja possível dar ênfase ao tema relevante para esta pesquisa (MATTOS, 2015).

Portanto, para o desenvolvimento do presente trabalho foram feitas quatro entrevistas semiestruturadas com ex-atletas que atuaram categorias de base de clubes de futebol visando à profissionalização, que não chegaram a se profissionalizar no futebol e hoje ocupam outra função na divisão social do trabalho. A partir das entrevistas, são

as demandas necessárias para adentrar nos temas da pesquisa, a fim de conhecer a trajetória desses ex-atletas, reconstruir o mundo social no qual eles foram inseridos e, finalmente, analisar os fatores relevantes para este trabalho, os quais permeiam as esferas do futebol, da escola e do mercado de trabalho.

A intenção da entrevista não é relembrar acontecimentos da trajetória dos entrevistados no futebol, mas, principalmente contribuir para entender os sujeitos em uma temporalidade que articula o passado, o presente e o futuro. Sendo assim, o principal motivo para a escolha desta metodologia é que, a diferença de outros instrumentos metodológicos (como, por exemplo “Histórias de vida”), é possível direcionar nosso foco aos assuntos de relevância frente á temática que se pretende abordar (MATTOS, 2015).

Em relação às entrevistas, é possível afirmar que, apesar de existir um roteiro padrão para as mesmas, cada uma delas se desenvolveu em contextos diferentes, sendo estes predeterminados pelo grau de intimidade com o entrevistado, o local da entrevista, a influência de terceiros, etc. Sendo assim, cada entrevista teve as suas peculiaridades e a sua própria lógica de desenvolvimento, seguindo o princípio básico da não-diretividade como uma forma de indagação que, a diferença do questionário, não é fechado e dá espaço para o entrevistado construir seu enredo (MATTOS, 2015).

Além da utilização do recurso citado anteriormente, também se utilizou da ferramenta de “Análise de Conteúdo” que consiste em elaborar uma análise de dados qualitativos que, neste caso, foi aplicada para a análise do que foi dito ou observado ao longo das entrevistas. Para que está análise seja feita de forma satisfatória, é necessário seguir uma ordem de análise que permita extrair da maneira mais completa possível, as informações relevantes para a análise que se pretende.

Segundo Lawrence Bardin (2011 apud SILVA; FOSSÁ, 2015), estas etapas são organizadas em três fases. Primeiramente, é feita uma pré-análise para sistematizar as ideias iniciais e estabelecer indicadores para interpretação das entrevistas já transcritas. Logo, é feita uma exploração do material, de tal forma que seja possível extrair das entrevistas os trechos relevantes para análise. Finalmente, a interpretação, que consiste em captar os conteúdos manifestos em todo o material coletado e aplicar análise com base no referencial teórico escolhido como base.

Conforme foi mencionado ao longo da introdução do presente trabalho, o interesse pelo tema da pesquisa nasce da minha experiência individual como ex-atleta. Portanto, como ainda convivo no ambiente do futebol amador, a todo o momento

encontro pessoas que tiveram experiências similares. Sendo assim, o critério para escolha dos quatro entrevistados foi, primeiramente, por ter vivenciado a experiência de atleta de categoria de base que não seguiu a carreira de jogador de futebol. O segundo critério está relacionado com a origem social desses ex-atletas, foram escolhidos três sujeitos oriundos de camadas populares e, como contraponto, um quarto sujeito que provém de condições culturais e materiais mais abastadas. Com base nestes critérios, foi elaborada uma pré-seleção de sujeitos que se enquadravam neste perfil para, finalmente, escolher quatro deles de acordo com sua disponibilidade e interesse de fazer parte da presente pesquisa.

Com o objetivo de preservar a identidade dos entrevistados, foram adotados nomes de ilustres figuras do futebol brasileiro para substituição dos nomes verdadeiros dos sujeitos envolvidos. Cada nome escolhido condiz com a posição que os entrevistados ocupam ou já ocuparam dentro de campo.

Em relação ao procedimento de pesquisa, são descritos abaixo, de forma resumida, o desenvolvimento de cada entrevista. Com o intuito de demonstrar os diversos contextos em que elas aconteceram e o grau de influência externa enfrentada.

A primeira entrevista foi feita com Mauro² em uma loja de conveniência de um posto de gasolina na cidade de Garopaba (SC), ponto de encontro dos jogadores e torcedores dos clubes da região. Sendo assim, a todo o momento éramos abordados por outras pessoas que ali chegavam, ora pra fazer um comentário, ora para um cumprimento. A intimidade entre o pesquisador e o entrevistado é inegável, visto que já atuaram juntos diversas vezes, porém nunca adentraram tanto nas questões que envolvem a esta pesquisa. Em um determinado momento, onde tratavam sobre a dificuldade de aceitar o fim do sonho de ser jogador de futebol e ter que voltar para a vida real o entrevistado e o pesquisador se emocionaram.

Após alguns anos difíceis, constantes trocas de trabalho, abuso do álcool, Mauro conseguiu se encaixar no mercado de trabalho e hoje trabalha há alguns anos como operário na linha de produção de uma fábrica de óculos.

A segunda entrevista foi com o Nilton³, na casa dele, onde reside com seus pais. Sentados à mesa da cozinha, tomando um cafezinho e assim foi se desenvolvendo a

² Referência a Mauro Geraldo Galvão, mais conhecido como Mauro Galvão (Porto Alegre, 19 de dezembro de 1961), é um ex-futebolista e técnico brasileiro que atuava como zagueiro no Sport Club Internacional, de Porto Alegre, RS.

³ Nilton dos Reis Santos, mais conhecido como Nilton Santos (Rio de Janeiro, 16 de maio de 1925 — Rio de Janeiro, 27 de novembro de 2013), foi um futebolista brasileiro que atuava como lateral-esquerdo no

entrevista. O pesquisador e o entrevistado se conhecem há muito tempo, mas com um grau de intimidade não tão alto, talvez por isso a entrevista não tenha durado tanto tempo como a anterior. O ambiente era perfeito para o desenvolvimento da pesquisa: boa estrutura física, silêncio e interesse do entrevistado. O único momento em que foram interrompidos foi quando a mãe de Nilton, uma senhora muito humilde e extremamente agradável, veio oferecer algo para comer. Vários assuntos foram tratados ao longo da entrevista, amigos em comum, futebol, música e em meio a esses assuntos, foram pontuados também os temas relevantes para nossa entrevista.

Hoje em dia, o entrevistado é empregado como motorista do ônibus de uma fábrica da cidade de Garopaba, Nilton está prestes a se casar e, aos finais de semana, joga futebol amador para conseguir uma renda extra.

A terceira entrevista foi com o Sócrates⁴, em um café próximo ao seu trabalho, logo após o fim do seu expediente. Antes de iniciar a entrevista foram abordadas outras questões, inclusive sobre política, sempre salientando que não era necessário ter uma ruptura entre aquela conversa informal e a entrevista, com o intuito de preservar a fluidez da conversa. Sócrates possui uma personalidade forte e se posiciona de forma convicta. Ao longo da entrevista foram abordadas questões pertinentes à temática da pesquisa, outras nem tanto, mas em modo geral o tratamento das questões centrais para a pesquisa foram abordadas.

Atualmente, o Sócrates trabalha como vendedor em uma loja de eletrodomésticos e, mesmo não tendo feito um curso superior, pode ser considerado um autodidata, pois se expressa de forma apropriada, com um rico vocabulário e busca elaborar opiniões embasadas sobre os temas abordados ao longo da entrevista.

Finalmente, a última entrevista foi com o Evair⁵, e houve dificuldade em agenda-la, já que o entrevistado vive entre Garopaba e Laguna e, no período da entrevista, sua esposa estava grávida de oito meses. O caso do Evair é diferente dos outros ex-atletas entrevistados até então, já que ele tem uma origem social diferente, de classe media-alta e com outra bagagem cultural. O local da entrevista foi na sua casa,

Botafogo, do Rio de Janeiro, RJ. Em 2000, foi eleito pela FIFA como o melhor lateral-esquerdo de todos os tempos.

⁴ Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira (Belém, 19 de fevereiro de 1954 – São Paulo, 4 de dezembro de 2011), mais conhecido como Sócrates e também referido como Doutor Sócrates, Doutor ou Magrão, foi um futebolista e médico brasileiro. Atuava como meia do Sport Club Corinthians Paulista.

⁵ Evair Aparecido Paulino, mais conhecido como Evair (Ouro Fino, 21 de fevereiro de 1965), é um ex-futebolista brasileiro que atuava como centroavante. É considerado ídolo histórico da Sociedade Esportiva Palmeiras, onde marcou 127 gols e integra a lista dos dez maiores artilheiros da história do clube.

em um dos bairros mais nobres da cidade. Evair é um sujeito muito calmo, elegante e culto, que trabalha na área de pesquisa, por este motivo, quando a entrevista começou, o este pesquisador se sentiu um pouco inseguro. Depois, ao longo da entrevista, a conversa foi fluindo e foi possível abordar todos os assuntos relevantes para a pesquisa. Nesse contexto, o pesquisador foi acompanhado de sua companheira e de seu filho, que aguardaram pelo período que durou a entrevista em companhia da esposa de Evair em outro cômodo da casa.

Atualmente, o Jorge é professor de uma universidade pública em Florianópolis, tem pós-doutorado na área de Ecologia. O futebol, pra ele, tornou-se um *hobby* e o pratica esporadicamente. No momento, ele ainda prefere praticar mais o futevôlei que o futebol propriamente dito.

Finalmente, em relação à metodologia escolhida para desenvolver esta pesquisa, é preciso considerar que nas entrevistas biográficas acima mencionadas, são diversos os condicionantes para sua elaboração e desenvolvimento. Desde o ambiente onde acontece a entrevista até a influência de diversos fatores externos, precisam ser descritos, a fim de que o leitor tenha uma percepção mais próxima de como se deram as entrevistas.

3. ENTREVISTAS

Foram feitas quatro entrevistas semiestruturadas com ex-atletas de categorias de base que não se tornaram jogadores de futebol e hoje trabalham nas mais variadas profissões. Ao longo desse capítulo são apresentados o perfil de cada ex-atleta e analisadas as entrevistas, mostrando como cada um deles se relacionava com a escola e como conciliava as rotinas de treinamento intensivo e aulas.

3.1 Primeira entrevista – Mauro

3.1.1 Perfil do entrevistado

O primeiro entrevistado chama-se Mauro, nascido em 1983, zagueiro de muita classe, jogou por alguns anos nas categorias de base do Figueirense. Atuou na categoria de base do clube desde seus quatorze anos até os vinte anos de idade, morando sempre nas dependências do clube. Nascido em Braço do Norte (município ao sul do Estado de Santa Catarina, de onde vem sua família por parte materna), veio morar em Garopaba ainda bebê com sua família. Mauro é um sujeito carismático e querido por todos, não é difícil encontrá-lo em alguma sede dos clubes de futebol de Garopaba, tomando sua cerveja e soltando gargalhadas que o caracteriza nas famosas resenhas pós-jogo.

Mauro é oriundo de camadas populares, seu pai foi padeiro durante toda a vida, hoje está aposentado; enquanto sua mãe é dona de casa e faz faxinas esporádicas até hoje para conseguir uma renda extra. É o segundo filho em um total de quatro, dois mais novos e uma mulher mais velha.

Ele concluiu o Ensino Médio no supletivo, muitos anos após ter encerrado sua trajetória no futebol. Enquanto ele estava engajado no projeto do futebol profissional, acabou abrindo mão da escola. Atualmente, o encontra-se trabalhando em uma fábrica que produz, de forma terceirizada, todo o segmento de óculos, ocupando um lugar na linha de produção da mesma.

3.1.2 Contexto da entrevista

A entrevista com Mauro, conforme mencionado anteriormente, aconteceu em uma conveniência de posto de gasolina, ponto de encontro entre jogadores e torcedores dos clubes de futebol da cidade. Como é um espaço público, onde circulam muitas

pessoas do meio do futebol, em alguns momentos fomos interrompidos. Por este motivo, a entrevista acabou se alongando e durou por volta de duas horas.

3.1.3 Trajetória esportiva

A inserção do Mauro no esporte teve início na infância, durante o período escolar, ainda na cidade de Garopaba. Durante as aulas de Educação Física e nos intervalos das aulas, foi percebida sua aptidão para a prática do futebol. Através do “Moleque bom de bola” (um projeto onde as escolas da cidade montam equipes de futebol masculino e feminino e se enfrentam entre si, passando pela fase micro-regional, regional e chegando até a fase estadual), Mauro teve a visibilidade necessária para mostrar seu potencial no futebol e foi chamado para um teste no Internacional de Porto Alegre. De acordo com o próprio:

Acho que foi no Moleque bom de bola, era muito novo, comecei a me destacar lá nessa época. Ai veio o Inter de Porto Alegre aqui fazer um peneirão, tinha 44 pessoas da minha idade e eu fui o único aprovado. Fui para lá, fiquei duas semanas fazendo teste, na época o treinador era Mano Menezes (técnico do Cruzeiro, da serie A do campeonato Brasileiro), ele me chamou e me dispensou, disse que não tinha alojamento. Lá a concorrência era muito maior, os caras muito melhores preparados. Voltei para casa e um cara me ligou e me convidou para ir no Figueirense, eu fui, ai fiquei lá todos esses anos.

Mauro foi aprovado para jogar no Figueirense e foi morar nas dependências do clube, localizadas embaixo das arquibancadas do estádio. Neste contexto, a rotina de treinos e horários para saídas aos campos e refeições não eram nada fáceis de se acostumar. Vindo de família humilde, não tinha condições de alugar um apartamento próximo do estádio para morar sozinho. Sendo assim, era necessário se adaptar às condições do local e morar junto com outros jovens do Brasil inteiro, de culturas e costumes diferentes, que também buscavam se tornar jogadores de futebol. Em relação às dificuldades enfrentadas no alojamento, o entrevistado afirma: “*Era muito complicado, muito difícil. Tinha hora para tomar café, hora para almoçar, hora para jantar, não podia sair do estádio depois das 22h, vivia trancado ali dentro*”.

Apesar das dificuldades enfrentadas durante a convivência em alojamento, Mauro relatou que nunca teve desentendimentos com outros colegas, diretores ou

técnicos do clube. As maiores dificuldades eram quando voltava pra casa, aos finais de semana e encontrava seus amigos de infância. Segundo o próprio:

Ai eu vinha passar um final de semana em Garopaba via os amigos tudo trabalhando, com um trocadinho, dando uma volta com o carrinho do pai, indo nas festas e eu trancado lá dentro. E eu vinha pra cá, sem nenhum centavo no bolso, o cara novinho, doido pra viver, curtir... era foda.

Por outro lado, durante este período da sua trajetória esportiva teve um afastamento geográfico da sua família. Como Mauro é oriundo de camadas populares, sua família não tinha condições financeiras suficientes para fornecer o apoio físico e emocional necessário. Apesar das condições limitadas, os pais dele fizeram tudo que estava no alcance deles.

3.1.4 Trajetória escolar

Antes de se afastar de casa para ingressar no futebol de alto nível, o Mauro relatou que tinha um desempenho médio na escola, considerando-se um aluno regular. Logo do início, a disciplina Educação Física despertava mais o seu interesse, de modo que, segundo o próprio, era sempre o melhor aluno da turma.

Entretanto, ao sair de casa para jogar e enfrentar-se com uma nova rotina exaustiva de treinos e pouca fiscalização em relação à escola, o mesmo acabou afastando-se dos estudos. O afastamento da escola não foi algo meramente individual, pois ao questionarmos sobre a posição dos colegas dele em relação à escola, a resposta foi contundente: “*Era muito raro também, olha, não lembro de ninguém que tenha completado a escola morando no alojamento. Só quem tinha muita, mas muita, vontade de estudar*”. Ao ser indagado sobre arrependimento de ter abandonado a escola, salientou que:

Cara, eu acho que era inevitável, até porque não foi só eu, todo mundo daquela época largou. Mesmo se eu tivesse morando aqui em Garopaba eu também não iria muito longe na escola. Mas lá era mais difícil, eu abandonei a escola pra me focar só no futebol, treinamento, competições, viagens... não tinha cabeça pra estudar.

As duras cargas horárias de treinamento exaustivo, as viagens, somadas ao pouco sentido atribuído pelos jovens que tem como horizonte a profissionalização no futebol, faz da Escola algo menos importante na vida dos mesmos.

3.1.5 O trabalho atual

Com o fim do sonho de se tornar jogador de futebol, o nosso entrevistado enfrentou um período muito difícil de instabilidade emocional, inclusive para ingressar no mercado de trabalho. Ao ser indagado sobre o fim do futebol, Mauro respondeu que:

Foi muito difícil, sofri demais. Eu nem gosto de falar sobre isso, to falando aqui porque somos amigos, é para o teu trabalho e tal. Eu nem falo disso ai, hoje eu já to legal, já superei, mas passei uns 10 anos com a cabeça doendo, com enxaqueca, cheguei a ir em um neurologista e ele me falou que eu não tinha nada e que provavelmente era um problema psicológico e eu acredito que tem relação com essa frustração. Eu vivia bêbado aqui em Garopaba, bebia um dia sim e outro dia não. Faltava direto no serviço. Hoje em dia eu levo tudo numa boa, demorou, mas passou.

Ao longo dos anos, ele conseguiu se inserir no mercado de trabalho e atualmente, ele trabalha na linha de produção de uma fábrica de óculos que produz, de forma terceirizada, na cidade de Garopaba.

Os anos que Mauro foi lapidado para ser jogador de futebol profissional, a princípio, não influenciam de forma determinante no desempenho da sua função profissional atual. Porém, o fato dele não ter formação superior, prejudica o crescimento profissional dentro do mercado de trabalho. Entretanto, nosso entrevistado se diz plenamente satisfeito com sua condição de trabalho atual, mesmo que a remuneração não seja a esperada.

Sou satisfeito com a minha vida, sou casado, tenho minha casinha, meu carrinho. Já estou há alguns anos no mesmo trabalho, ainda que o salário não seja aquilo tudo, vamos levando, tenho uma vida simples. Aos finais de semana ainda jogo futebol para ganhar um extra, sempre cai bem.

3.2 Segunda entrevista – Nilton

3.2.1 Perfil do entrevistado

O segundo entrevistado foi Nilton, nascido em 1987, lateral esquerdo de muita qualidade com a bola e que hoje é motorista de ônibus de uma empresa que presta serviços para uma empresa radicada em Garopaba que produz material esportivo. É nascido em Imbituba, cidade vizinha que tem hospital, cresceu em Garopaba assim como toda sua família.

Iniciou no futebol de alto nível ainda jovem, aos 14 anos, jogou dois anos na base do Criciúma e um ano na base do Tubarão. Hoje Nilton mantém um longo relacionamento, apesar de ainda morar com os pais, trabalha durante a semana e, às vezes, joga futebol no fim de semana. Não tem filhos, mas tem planos para ter em breve. Acorda todos os dias muito cedo, as 5 horas, pois ele dirige o ônibus que pega os trabalhadores e leva para a empresa.

Seu pai já é aposentado, trabalhou a vida inteira na construção civil, enquanto sua mãe é dona de casa e, às vezes, trabalha como diarista em pousadas da região na alta temporada. Nilton é o filho do meio e tem mais dois irmãos, o mais velho trabalha vendendo produtos de limpeza, enquanto o mais novo trabalha como auxiliar de pedreiro na construção civil.

3.2.2 Contexto da entrevista

O local escolhido para entrevistar Nilton, foi a casa dele, onde reside com seus pais. O entrevistado e o pesquisador se conhecem há bastante tempo, mas por não serem muito próximos talvez a entrevista tenha sido realizada em menor tempo, cerca de 40 minutos. Todavia, não houve qualquer dificuldade para o agendamento da entrevista.

3.2.3 Trajetória esportiva

O início da vida esportiva do Nilton começou ainda cedo, na escola, nas aulas de Educação Física e nas escolinhas foram percebendo que ele desenvolvia talento para jogar futebol.

Nilton sempre foi interessado pelo futebol e, conforme o tempo foi passando, sua técnica foi se aperfeiçoando. De modo que, em um campeonato entre escolinhas intermunicipais, foi chamado por um olheiro (profissional pago por clubes para “caçar” novos talentos) para fazer um teste no Criciúma, onde atuou por dois anos nas

categorias de base, até ser dispensado. Depois disso, atuou por mais um ano nas categorias de base do Tubarão e, depois, rodou de forma alternada por mais alguns clubes por pouco tempo.

Por motivos socioeconômicos, ele sempre morou em alojamentos fornecidos pelos próprios clubes. Ao ser perguntado sobre como era a convivência dentro dos alojamentos, afirmou:

Olha, era bem difícil. Nos alojamentos moram gente de todo o Brasil, todo mundo tá ali pelo mesmo objetivo, todo mundo tem a sua ambição que é se profissionalizar... É bem difícil viver em alojamento, bem complicado mesmo, pelo menos pra mim. A concorrência é forte, você abandona o conforto da sua casa, ainda que não seja rico, mas tem sua família e tal, tem que acordar cedo todo dia para tomar café, almoçar, jantar... Morar com vários adolescentes da mesma idade, as vezes um pouco mais novos, as vezes um pouco mais velhos, é algo bem desgastante.

A família do Nilton sempre apoiou o seu sonho de se tornar jogador de futebol, porém por ser oriundo de camadas populares não dispunham das condições materiais suficientes para acompanhá-lo de perto. Nilton salienta:

Minha família sempre me apoiou, sempre fez de tudo para que eu conseguisse atingir meu objetivo, apesar das dificuldades da época. Mas, dentro do possível, fizeram tudo. Meu pai, minha mãe, deixavam de pôr comida em casa pra me dar uma coisinha a mais. Todo mundo fazia bastante esforço para me manter nos clubes. O que eles podiam fazer eles fizeram.

E complementa dizendo que o afastamento da família prejudicou o desempenho técnico dele.

3.2.4 Trajetória escolar

Em relação ao interesse pela escola, antes de iniciar a trajetória no esporte, Nilton afirmou que era um bom aluno, apesar de não se esforçar muito. Sempre visava prestar atenção em sala de aula para não precisar estudar em casa e deixou bem claro que não era dos melhores alunos, mas que também não pegava recuperação. Apesar de ter essa facilidade para passar de ano, ele não era muito interessado na escola.

Por outro lado, a disciplina de Educação Física sempre despertou o interesse dele e mantém amizade com alguns de seus professores de educação física até os dias de hoje.

Ao sair de casa e iniciar sua trajetória no futebol, o Nilton Santos acabou abandonando a escola, inclusive não concluiu o Ensino Médio até hoje. Ao ser perguntado sobre em que momento decidiu abandonar a escola para focar no futebol, Nilton afirmou:

Na verdade nunca teve um momento em que eu disse “ah, vou parar de estudar e me dedicar só ao futebol” eu começava os anos na escola e ia abandonando. Começava a faltar por vários motivos, também não sentia muita vontade de ir para a escola, não sei se por que era muito cansativo a rotina de treino ou se eu que não levava jeito mesmo. Eu nunca fui muito de estudar, desde cedo, meu interesse era mais pelo futebol. [...] eu nem chegava a reprovar, eu abandonava antes. Mais pro final desse período eu já não ia mais nem no início do ano para a escola, já tinha até vergonha de ser mais velho e estudar com um pessoal mais novo.

3.2.5 O trabalho atual

Atualmente, Nilton trabalha há sete anos como motorista de ônibus para uma fábrica da cidade, levando os trabalhadores até suas casas.

O grau de insatisfação dele não está relacionado à posição que ocupa no mercado de trabalho, mas sim com a frustração que acarreta a não absorção pelo mercado do futebol. Ele já enfrentou momentos difíceis de aceitação, mas, atualmente, relata que:

Depois que eu desisti do futebol eu passei muito trabalho para me ajeitar na vida, foi bem conturbado, eu não conseguia nem dormir direito às vezes. Foi a única época da minha vida que eu bebia um pouco a mais, não conseguia me adaptar bem ao trabalho normal, me sentia frustrado, eu até hoje nem gosto de falar muito sobre isso. Hoje eu já estou mais tranquilo, posso dizer que sou uma pessoa feliz, mas passei maus momentos.

Nilton acredita que caso não tivesse tentado a carreira de jogador de futebol e optado pela escola, sua vida não seria muito diferente, pois, segundo o mesmo, ele teria

concluído a escola e se empregado em algum lugar como aconteceu com seus amigos, e pondera:

Mas acho que eu também não teria seguido estudando, talvez terminasse o ensino médio e depois arrumasse um trabalhinho por aqui mesmo, foi o que aconteceu com meus amigos de infância, a maioria não seguiu estudando.

Finalmente, em relação à prática de futebol amador, nosso entrevistado afirma jogar mais por prazer do que pela remuneração, já que para ter uma remuneração adequada no futebol se faz necessário ter certos cuidados, por exemplo, treino, alimentação, sono adequado, etc. Ele já não tem a mesma disposição que outrora.

3.3 Terceira entrevista – Sócrates

3.3.1 Perfil do Entrevistado

A terceira entrevista foi realizada com o Sócrates, meia de muita elegância e de uma inteligência muito grande. Nascido em Porto Alegre, em 1991, veio morar em Garopaba muito cedo, com a mãe e a família materna, por que seus pais haviam se separado. O pai, que já era do Rio Grande do Sul, acabou ficando por lá. Durante a infância e adolescência não teve muito contato com seu pai, apesar de se encontrarem algumas vezes, hoje, depois de adulto, convivem mais e de forma harmônica. Sócrates relatou que foi criado pela mãe, que se desdobrou em muitas, e pelos avós, que vivem até hoje ao lado de sua casa.

Sócrates é um sujeito calmo, muito inteligente, conhecido pelas convicções e pela personalidade forte. É o tipo de pessoa agradável, mas que não muda de opinião com facilidade. Começou a jogar futebol ainda cedo, por volta dos 14 anos, jogou em clubes como o Avaí, Figueirense, Internacional de Porto Alegre e Tubarão. Ele se afastou do futebol de alto nível com 20 anos.

Acabou abandonando a escola durante as idas e vindas, alojamentos, treinos e jogos. Hoje trabalha como vendedor em uma loja de eletrodomésticos. Sócrates tem muita clareza nas suas ideias, sabe sintetizar bem o que vai dizer e se expressa de maneira rara para quem não seguiu a educação formal. Fica nítido, ao conversar com ele, que é uma espécie de autodidata, pois sabe um pouco de tudo.

3.3.2 Contexto da entrevista

O entrevistado e o pesquisador se conhecem desde a adolescência. O contato para agendamento da entrevista foi fácil e conseguimos nos encontrar após o expediente dele.

Conversamos tomando um café em uma lanchonete na frente do seu trabalho, por volta das 18h e se estendeu até um pouco antes das 19 horas. Antes da entrevista foram lembradas histórias antigas, falamos sobre amigos em comum, entre outros assuntos relacionados à convivência. Esse primeiro momento de descontração já aliviou um pouco a questão da entrevista formal e possibilitou iniciar a entrevista sem uma ruptura entre o que era conversa informal e o que era entrevista, portanto a entrevista se desenvolveu de maneira fluida.

3.3.3 Trajetória esportiva

A trajetória esportiva de Sócrates iniciou ainda muito cedo, segundo o próprio, ele foi se destacando nos jogos de rua, bairro contra bairro, sempre jogando com os mais velhos. Depois, na escola, os professores foram observando que ele tinha bastante qualidade técnica para o futebol.

Sócrates sempre gostou muito de futebol, desde assistir até praticar. Em uma etapa regional do “Moleque Bom de Bola”, projeto já citado anteriormente, Sócrates conseguiu se destacar e foi chamado para fazer um teste no Avaí, na categoria infantil. Ele ficou durante seis meses e jogou um campeonato em São Paulo com o clube. Durante as férias, surgiu a oportunidade para trocar de clube e ir para o Figueirense, que naquele momento oferecia melhores condições de moradia e remuneração. Após alguns meses, Sócrates teve problemas no alojamento e acabou se desligando do clube. Com o tempo, foi para o Internacional de Porto Alegre onde atuou com jovens que depois se tornaram grandes figuras do futebol. Já com dezoito anos e com o aumento da competitividade, acabou sendo dispensado do Internacional e foi jogar no Tubarão, onde passou os seus últimos anos na vida de boleiro.

Por outro lado, em relação à moradia, ele explicou que por questões financeiras, sempre morou nos alojamentos fornecidos pelos clubes, segundo o próprio:

Sempre nos alojamentos de clubes. Apenas uma vez, quando fui fazer um teste de uma semana no Internacional de Porto Alegre,

fiquei uma semana na casa de uma tia por parte de pai. Mas, ao passar no teste, fui morar no Beira Rio. Alguns garotos, naquela época, tinham condições de alugar um apartamento perto do clube, morar com os pais, algum conhecido, mas não era meu caso. Já era um grande esforço para minha mãe me manter lá mesmo ficando nos alojamentos.

Sócrates comentou que a convivência nos alojamentos não era fácil, principalmente por estar se relacionando com jovens de vários lugares do Brasil.

Nunca tive problemas com técnicos, muito pelo contrário. Meus técnicos sempre gostaram de mim, acho que eles notavam que eu estava saindo dos trilhos e tentavam me ajudar, só que eu não tinha muita cabeça naquela época. Já com os colegas de alojamento eu tive muitos problemas, era muito difícil viver em alojamento. Muita gente de vários lugares do Brasil convivendo no mesmo espaço, sempre tem os mais folgados, aqueles que roubam coisas um do outro, não era fácil não.

O “sair dos trilhos”, que Sócrates se refere, está relacionado com o abuso de álcool, cigarro e drogas, que em nada ajudaram na sua trajetória como atleta. Sobre esta problemática, Sócrates relatou que:

Com o passar do tempo comecei a me envolver com uma galera errada, que não queria nada com nada e acabei relaxando. Comecei a beber muito, fumar cigarro, ir pra balada. Sabe como é, né, não tinha muita cabeça. Quando eu olho para trás esse é um dos meus maiores arrependimentos, talvez se eu tivesse a cabeça que tenho hoje eu teria chego. Quando eu tinha uns 16, 17 anos meus amigos de infância também estavam começando a sair e, quando eu vinha para Garopaba algum final de semana, nós nos reuníamos para beber, ir pra balada chegar nas meninas, e eu tinha uma moral por ser jogador, isso me atrapalhou muito porque ao invés de eu ficar no clube focado treinando eu queria vir todo final de semana para Garopaba encontrar meus amigos e ir para a noite.

Como foi relatado anteriormente e, assim como os outros entrevistados, Sócrates é oriundo das camadas populares, portanto a família dele não dispunha das condições materiais necessárias para acompanhá-lo de perto. Porém, tudo aquilo que estava no alcance da sua mãe e avós era feito. Em relação ao apoio familiar, ele faz questão de mencionar:

A minha família me apoiou de todas as formas possíveis, minha mãe se virava em mil para me dar condições de lutar pelos meus sonhos. Eu era praticamente uma criança ainda, com 14 anos, sair de casa, não foi fácil pra mim, mas também não deve ter sido fácil pra ela. Principalmente ela e meus avós me ajudavam muito, sempre que eu voltava pra casa meu avô me dava um trocado pra levar comigo e usar caso tivesse algum imprevisto, para comprar cartão telefônico e tal.

Por outro lado, há uma peculiaridade no caso deste entrevistado. Ele é o único dos entrevistados que não conviveu com a figura paterna e, ao ser perguntado sobre os motivos do insucesso no futebol, ele afirma:

Sabe, até hoje eu me pergunto isso. Certeza? Não tenho. Mas tenho algumas suposições e, a mais forte delas, é a de não ter um pai presente por perto, entende? Já conversamos sobre isso, você sabe, tem certas coisas que uma mãe não entende sobre um homem, né. Tem coisas que uma mulher não consegue entender sobre um homem, eu acho. Acredito que se eu tivesse um pai, ou até mesmo um padrasto, naquela época, teria feito a diferença. As vezes que eu começava a sair do eixo ele ia entender, ia me recolocar no trilho. Minha mãe, querendo me proteger, acabava me atrapalhando. Sabe, as vezes eu começava a reclamar de morar no alojamento, do técnico, de algum colega, enfim, coisas que acontecem em qualquer alojamento e que aconteceu com todo mundo, minha mãe ao invés de me ajudar a aceitar essas questões já queria que eu viesse embora, que eu trocasse de clube. Talvez, se eu tivesse um pai, envolvido com futebol, que já tivesse passado por experiências parecidas, conhecesse os bastidores do futebol, que fosse ver meus jogos, treinos, fizesse amizade com treinadores e tal, as coisas pudessem ter sido diferente. Eu precisava de mais disciplina, de alguém para me passar confiança, que me ajudasse a aceitar aquela realidade, que não era fácil, tu sabe. Ela saiu de casa cedo para trabalhar em Florianópolis de doméstica, acho que sofreu muito lá, por isso ela queria me proteger.

3.3.4 Trajetória escolar

A relação do Sócrates com a escola, antes de iniciar sua trajetória no futebol, era de pouco interesse, apesar de sempre ter passado de ano e assimilado os conteúdos com facilidade. O entrevistado confessa que nunca gostou de estudar em casa, mas que pegava os conteúdos na sala de aula. Até a sétima série, jamais havia ficado em

recuperação, porém tudo mudou quando precisou sair de casa para iniciar sua trajetória no futebol de alto nível.

Nosso entrevistado afirma que nos primeiros anos morando nos alojamentos, ele até tentava estudar, porém desistia no decorrer do ano.

No infantil, que treinava só um período, eu até comecei a ir, mas era tão normal não ir que eu acabava abandonando. No juvenil e juniores, que treinavam em dois períodos, eu nem iniciava. A rotina de treino era muito intensa, cansativa, e eu, na época, não tinha o menor interesse em estudar. Eu gostava de noite, balada e futebol, eu sequer cogitava a hipótese de estudar, eu não me sentia bem na escola.

Após ter se afastado do mundo do futebol, anos mais tarde, ele sentiu a necessidade de concluir o Ensino Médio no supletivo.

3.3.5 O trabalho atual

Atualmente, Sócrates trabalha como vendedor em uma loja de eletrodomésticos na cidade de Garopaba. Ele se refere ao seu trabalho como não sendo o trabalho dos sonhos, mas é o melhor que ele já teve e está trabalhado nele há cinco anos.

Ao ser questionado pelo grau de satisfação com a sua condição de trabalho atual, afirma:

Cara, é como eu falei antes. Ninguém sonha em ser vendedor de uma loja quando é criança, foi muito difícil para mim aceitar o fim do sonho de ser jogador de futebol e começar a trabalhar em qualquer coisa. Mas, hoje, passados vários anos, vários trabalhos, desde servente de pedreiro até garçom, eu me sinto adaptado. Não sou o cara mais feliz do mundo com meu trabalho, mas também não sou o mais infeliz. É difícil trabalhar o mês todo e as vezes mal ter dinheiro pra comprar um presente pra namorada, ainda morar com a mãe, sabe como é, não é fácil. Mas o que eu posso fazer? Todo mundo passa por isso, então, dos males o menor.

Sócrates afirma estar adaptado ao seu trabalho atual e, diferente dos outros entrevistados, ele não mantém vínculos no futebol. Quando encerrou sua carreira profissional no futebol, jogou de forma amadora remunerada por algum tempo, mas atualmente não joga mais.

3.4 Quarta entrevista – Evair

3.4.1 Perfil do entrevistado

O quarto entrevistado chama-se Evair, nascido em 1982, é natural de São Carlos, interior de São Paulo, vive em Garopaba acerca de dois anos. Evair tem seus pais ainda vivos, juntos, e duas irmãs mais velhas. Evair possui origem distinta dos demais entrevistados. A mãe dele é formada em medicina e o pai foi um conceituado advogado, hoje já aposentado.

Começou a sua trajetória no futebol de alto nível ainda muito cedo, como os outros entrevistados, por volta dos 14 anos, mas Evair nunca abandonou a escola. Outra diferença é que também nunca precisou morar em alojamentos, inclusive seu pai chegou a se deslocar para acompanhá-lo em um dos times em que Evair atuou categoria de base.

Nosso entrevistado é um sujeito muito calmo, tranquilo, de riso fácil, extremamente articulado e culto. Atualmente, ele é professor na área de ciências biológicas em uma universidade pública, tem pós-doutorado na área de Ecologia e tem interesse em estudar Antropologia e fazer um trabalho com os pescadores nativos de Garopaba.

3.4.2 Contexto da entrevista

O Evair é uma pessoa muito amena para conversar e, apesar de conhecer o pesquisador há pouco tempo, se mostrou completamente disposto a participar da nossa pesquisa. O agendamento da entrevista foi um pouco complicado, pois o mesmo, além de ter uma intensa rotina de trabalho, estava com a esposa grávida. Depois de alguns desencontros, foi possível conciliar uma data viável para ambas as partes.

A entrevista aconteceu na sua casa, localizada em um dos bairros mais ricos da cidade. Tomando um café e tratando dos temas da pesquisa sobre a trajetória dele no esporte e na escola, a entrevista se estendeu por aproximadamente uma hora.

3.4.3 Trajetória esportiva

Evair iniciou sua trajetória nos esportes ainda jovem, antes mesmo de se envolver com o futebol, Evair já praticava algumas artes marciais. O esporte sempre esteve presente na sua vida. Porém, com o passar dos anos, ele foi para o caminho do futebol de alto nível.

Das entrevistas anteriores, percebe-se que o projeto “Moleque Bom de Bola” foi um importante filtro para direcionar os jovens atletas, porém o Evair cresceu em São Carlos, interior de São Paulo, onde não existe o referido projeto.

Evair relatou que foi durante as aulas de Educação Física, também em campeonatos de escolinhas em que fazia parte, que seu talento para jogar futebol foi observado. Em certa oportunidade foi chamado para integrar as categorias de base do Botafogo de Ribeirão Preto.

Ao precisar se deslocar de cidade para dar continuidade na formação como atleta, o pai do Evair alugou um apartamento e foi morar com ele na cidade de Ribeirão Preto. Evair não chegou a morar nas dependências do clube, nem depender do clube para suas necessidades básicas. Por ter uma origem social diferente dos mais entrevistados, teve mais facilidade em relação ao suporte familiar e financeiro.

Evair atuou no clube do Botafogo pelo período de um ano e meio e, na sequência, após ser dispensado, voltou para sua cidade natal onde ingressou no clube da cidade, que também formava atletas para o futebol e disputava os campeonatos de base. E deu sequência na vida de atleta até uns 20 anos, onde decidiu abandonar a carreira e se dedicar aos estudos. Entretanto, o mesmo continuou jogando de forma amadora remunerada até há pouco tempo.

Evair sempre contou com o apoio irrestrito da sua família, ao ponto de, como mencionado anteriormente, seu pai mudar de cidade para acompanhá-lo de perto na sua trajetória esportiva, além de sempre cobrar e insistir sobre a questão dos estudos, deixando sempre um plano B, caso o futebol não fosse viável. Ao ser questionado se sua vida seria diferente, caso não tivesse passado pela experiência de tentar a profissionalização no futebol, o entrevistado aponta:

Acredito que seria diferente, o futebol me deu uma questão de maleabilidade para lidar com certas situações, isso foi uma coisa legal. Aquela coisa também de não largar o osso, não desistir fácil, e o principal para mim é ter uma percepção diferente das coisas, principalmente na vida acadêmica onde as pessoas se entorpecem de academia e a minha realidade é que eu gosto do ambiente de aprendizado e enfim, mas o futebol me

deu algumas questões praticas de resolução assim. Por exemplo, meu trabalho sempre tem muito trabalho de campo, coletas em ambientes aquáticos, terrestres, e sempre lidei muito bem. E a persistência adquirida no esporte sempre me manteve fazendo as coisas até o final, nunca paro pela metade. Eu acredito que isso tem total relação com meu passado no esporte, claro, pode ser uma característica psíquica minha, mas eu acho que tem a ver com o passado no futebol também. O ambiente do esporte, quando é bem gerido, ele é fantástico para a formação do ser humano, o esporte em si e de quem ta atuando como esportista, não dos interesses por trás do esporte, sabe? Aquele momento do jogo, a rotina de treinamento, propicia uma interação social, enfrentamento, coragem, disciplina, conviver com pessoas completamente diferentes, de lugares diferentes, além de aprender a competir com uma pessoa e depois estender a mão para ela.

3.4.4 Trajetória Escolar

Mesmo envolvido com o projeto de se tornar um jogador de futebol profissional, Evair nunca abriu mão dos estudos e nem teve reprovação. Como ele é oriundo de uma família com melhores condições materiais, sempre frequentou escolas particulares, mesmo durante a época em que foi morar em outra cidade para jogar futebol, era uma exigência de seus pais.

Apesar de ter sido um bom aluno e ser cobrado para tal pelos próprios pais, nosso entrevistado afirma que:

Nessa época a escola, para mim, estava sempre em segundo plano, meu objetivo era sempre o futebol. Eu sempre gostei de ciências, do meio ambiente, mas nunca pensei que eu fosse me tornar quem eu sou hoje, um professor universitário nessa área, naquela época eu só pensava em futebol. Eu sempre fui bem na escola, nunca fui mal, mas eu me satisfazia mesmo era no futebol.

Ao ser questionado sobre em que momento teve que escolher entre continuar tentando ser jogador de futebol profissional ou optar pelos estudos, nosso entrevistado diz:

[...] eu treinei futebol em alto nível, competição e tal, até certo ponto da minha vida e em um determinado momento eu tive que fazer uma escolha e eu optei por continuar estudando. Assim, eu não fiquei em uma encruzilhada tendo que escolher por aqui ou

por ali, foi uma questão interna minha, coloquei tudo na balança, analisei, e decidi continuar com os estudos. Ai eu abandonei a rotina de treinos, jogos, pressão e fui me dedicar só para os estudos.

3.4.5 O trabalho atual

Atualmente, Evair é professor universitário efetivo em uma universidade pública e trabalha na cidade de Laguna e também trabalha produzindo pesquisas na área em que é especializado. A influência da formação escolar no trabalho atual é determinante, tendo em vista todo o conhecimento apropriado por ele ao longo da sua trajetória.

Evair jogou futebol amador até pouco tempo atrás. Vale destacar que não como fonte de renda extra, como para os entrevistados anteriores, senão que continuou jogando futebol amador meramente por prazer.

Sobre o grau de satisfação com o seu trabalho atual, o mesmo é enfático: *“Eu amo meu trabalho. Sou completamente realizado, hoje, acredito, não trocaria por nada. Muitas vezes, ao longo do percurso, eu poderia ter trocado, mas, hoje, não”*.

3.5 O futebol, a escola e a reprodução social

Durante a apresentação das entrevistas, podemos observar que todos os entrevistados passaram boa parte da sua adolescência buscando a profissionalização no futebol. Mauro, Nilton e Sócrates, três dos nossos entrevistados, são oriundos de camadas populares e pais com escolaridade baixa. Enquanto Evair vem de uma família com condições materiais melhores e tem pais que tiveram acesso ao Ensino Superior.

Como ponto em comum, eles têm a faixa etária e o futebol de alto nível como objetivo durante um período da vida. Entretanto, a maneira como eles lidaram com a escolarização durante o período de formação para o futebol é muito diferente. Podemos perceber que Mauro, Nilton e Sócrates não depositaram tantas esperanças de ascensão social através da escola e focaram somente no futebol. Por outro lado, Evair, além de não abandonar a escola em momento algum, sempre estudou na rede privada de educação, inclusive enquanto se dedicou ao futebol de alto nível.

Atualmente, os três primeiros ocupam posições que exigem pouco grau de formação e com baixa remuneração. Enquanto o último entrevistado ocupa uma posição privilegiada, onde se exige um alto grau de formação, com boa remuneração e bastante prestígio social.

Para analisar a condição em que os sujeitos desta pesquisa se encontram hoje e a forma como eles se relacionaram com a escola durante a formação para o futebol, utilizou-se a categoria *habitus de* Bourdieu como base para a análise da problemática. Mauro, Nilton Santos e Sócrates compõem uma parte específica da amostra considerando que são oriundos de camadas populares; e Evair um contraexemplo, considerando que tem uma condição financeira e social privilegiada.

Conforme mencionado no capítulo “Contornos teóricos da relação entre formação esportiva e escolar”, o conceito de *habitus* refere-se aos mecanismos pelos quais aprendemos a fazer parte de uma sociedade e, através de nossas ações, a reproduzi-la. Podemos entender essa reprodução como o processo pelo qual, por diversos mecanismos, uma sociedade reproduz suas próprias estruturas. É por meio do *habitus* que os indivíduos têm como horizonte sempre as próprias condições históricas e socialmente determinadas em que eles foram socializados.

Podemos observar como nossos entrevistados acabaram reproduzindo as estruturas sociais às quais foram submetidos, mesmo com a formação para o futebol profissional dificultando a escolarização de todos. Nos discursos dos três primeiros entrevistados, oriundos de camadas populares, é evidente a falta de sentido que viam na escola.

Foi possível observar durante as entrevistas que, surpreendentemente, os ex-atletas oriundos de camadas populares não mostravam nenhum arrependimento em ter abandonado a escola e, em dois casos, citaram como exemplo amigos de infância que concluíram o ensino médio em tempo e que a condição social era praticamente a mesma. Também podemos extrair das entrevistas que nenhum deles tinha como objetivo, antes do futebol, seguir para o ensino superior. Pelo que foi possível constatar, a universidade não se fazia presente no horizonte desses ex-atletas durante o período de escolarização.

A escola, para Bourdieu, ao contrário do que é o senso comum, não tem uma função de transformação social, dando oportunidades iguais a todos. Mas, justamente o contrário, a escola é o local que reproduz e que aumenta as desigualdades sociais. De tal forma que, para os estudantes oriundos de camadas populares, a ascensão social por meio da escola é praticamente impossível, ou muito difícil.

Levando em consideração todas as dificuldades enfrentadas por nossos entrevistados, oriundos de camadas populares, durante a escolarização e o pouco sentido encontrado na escola, não foi difícil a tomada de decisão para uma tentativa de ascensão

social através do futebol de alto nível. Mesmo implicando em sair de casa e morar fora muito precocemente, tendo árduas rotinas de treinamentos diários, as dificuldades financeiras e enfrentar um mercado altamente competitivo, onde poucas vagas com boa remuneração são oferecidas.

O caso do nosso quarto entrevistado, Evair, é diferente. Ele vem de uma família de classe média alta, seus pais tem curso superior e ele sempre estudou na rede privada de educação, mesmo durante o período em que tentou o futebol de alto nível. Podemos observar, durante a entrevista, a ênfase na importância da escola, tanto que hoje nosso entrevistado é professor universitário e pesquisador. Evair teve contato com outros esportes desde muito cedo, ainda criança fez algumas artes marciais e chegou a ser federado em uma delas. A vivência de Evair é muito diferente dos outros entrevistados, quando foi morar em outra cidade para treinar em um clube, seu pai teve condições de alugar um apartamento perto do estádio e foi morar com ele, além de matricula-lo em uma escola privada.

O caso de Evair também realça a teoria da reprodução social de Bourdieu, tendo em vista que ele acaba reafirmando a própria estrutura de onde veio, mesmo tendo passado pela experiência do futebol. Evair jogou por um período, a profissionalização não aconteceu e ele seguiu sua formação acadêmica, o que já era esperado. Podemos entender que o *habitus* de classe adquirido por Evair já o encaminhava na direção de ocupar uma posição privilegiada na divisão social do trabalho.

Em relação ao grau de satisfação com o trabalho atual, todos os entrevistados se dizem satisfeitos com suas condições de trabalho. Porém, com o fim do projeto de vida do futebol, a inserção no mercado de trabalho para os ex atletas oriundos de camadas populares foi difícil. Mauro, Nilton e Sócrates passaram momentos de turbulência e difícil adaptação. Atualmente, passado alguns anos, eles se encontram empregados e se dizem satisfeitos com seus trabalhos, apesar da baixa remuneração e baixo grau de formação. Por outro lado, Evair também se diz extremamente satisfeito com o seu trabalho atual. Podemos destacar que, neste caso, não foi citada uma ruptura brusca entre o fim do futebol e a inserção no mercado de trabalho. Evair não precisou adentrar o mercado de trabalho logo no fim do projeto futebol, ele seguiu carreira acadêmica.

Ao aplicar o conceito do *habitus* para fazer a análise das entrevistas, foi possível perceber que a escola não funciona como um mecanismo de ascensão social, inclusive os próprios entrevistados destacaram no decorrer das entrevistas o pouco sentido atribuído para a mesma. Portanto, o futebol de alto nível se apresentou como uma

alternativa para buscar a ascensão social, os riscos enfrentados ao investirem no mesmo eram legítimos. Pois, de certa forma, não havia o que perder. As chances de ascender socialmente por meio do futebol, como vimos nos capítulos anteriores, também são remotas, mas nesse contexto, se apresentou como uma alternativa mais viável do que a escola.

Concluindo, podemos dizer que o conceito de *habitus*, ferramenta teórica utilizada para análise das entrevistas, se encaixa perfeitamente para os quatro entrevistados. Mesmo os entrevistados partindo de condições materiais e culturais diferentes, eles acabaram reproduzindo as estruturas sociais em que foram socializados. Bourdieu não acredita em uma neutralidade da escola, assim como não acredita que a escola é uma ferramenta de ascensão social, muito pelo contrário. O pouco sentido atribuído pelos ex-atletas oriundos de camadas populares para a escola tem relação com essa violência simbólica, onde os mesmos são obrigados a decifrar outra cultura, que não é a sua cultura, transmitida como neutra. A escola serve para conservação da ordem social dominante, legitimando essa dominação, e não como forma de ascensão social. Portanto, os destinos dos nossos ex-atletas já estavam traçados independente da tentativa frustrada de profissionalização no futebol de alto rendimento, de modo que os postos de trabalho mais valorizados sempre vão terminar com aqueles que já fazem parte da cultura dominante, passando de geração em geração.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitos jovens brasileiros têm o sonho de ser jogador de futebol profissional, pois em um país com fortes traços de uma cruel desigualdade social, o esporte de alto nível se mostra uma alternativa sedutora de ascensão social. No entanto, a profissionalização inicia-se no período escolar. Por conta desse objetivo, boa parte dos atletas deixa de frequentar a escola.

E posteriormente por questões como, a alta competitividade e os poucos postos de trabalho com boa remuneração, acabam abandonando também o futebol. E o ex-atleta precisa se inserir no mercado de trabalho sem a formação necessária, tendo que ocupar os postos de trabalhos mais subalternos.

Por meio da entrevista biográfica realizada com quatro ex-atletas, verificou-se essa realidade. Os ex-atletas oriundos de camadas populares atribuíram pouco sentido à escola. Isso porque, conforme Bourdieu, na escola acontece a imposição cultural da classe dominante, embora seja transmitida como neutra. Ou seja, os jovens oriundos de camadas populares veem-se obrigados a decifrar outra cultura, que não a deles, enquanto os jovens oriundos de camadas dominantes encontram na escola a sua própria cultura, o que o autor denomina de Violência Simbólica.

Na escola a cultura dominante é transmitida como cultura legítima, causando afastamento dos jovens oriundos de camadas populares. O que não foi verificado na entrevista com o ex-atleta oriundo da classe média alta, que sempre atribuiu importância à escola, de modo que, sempre estudou em escola privada e, ao terminar a trajetória esportiva, ingressou na carreira acadêmica.

Ainda conforme o autor, aqueles que não cresceram nos seios da cultura dominante, na maior parte das vezes, não conseguem o mesmo desempenho, criando, conseqüentemente, frustração e possível afastamento da escola. Isso por conta do chamado *habitus*, que é a internalização do contexto histórico e social do indivíduo, o que estrutura desde seu modo de pensar até o seu modo de agir. Assim, principalmente antes das cotas (sociais e raciais) e de programas como o PROUNI e FIES, a universidade não fazia parte dos horizontes dos ex-atletas de camadas populares, o que foi observado nas entrevistas.

Foi possível observar durante as entrevistas que, surpreendentemente, os ex-atletas oriundos de camadas populares não demonstraram nenhum arrependimento em ter abandonado a escola e, em dois casos, citaram como exemplo amigos de infância

que concluíram o ensino médio em tempo e que a condição social era praticamente a mesma.

Atualmente, esses ocupam posições que exigem pouco grau de formação e com baixa remuneração, mas, ao contrário do esperado, estão satisfeitos com a posição em que ocupam na divisão social do trabalho. Enquanto o ex-atleta oriundo de classe média alta, ocupa uma posição privilegiada, onde se exige um alto grau de formação, com boa remuneração e muito prestígio social, e como esperado relatou satisfação com sua posição.

Foi possível observar também, que a entrada no mercado de trabalho após o futebol para os primeiros entrevistados foi muito turbulenta, com constantes trocas de emprego e gerou frustração pela perda da expectativa de ascensão social por meio do futebol, e por serem impedidos de reverter e usar o que incorporaram ao longo dos anos nas categorias de base para conseguir um posto de trabalho melhor. Para o último entrevistado houve a possibilidade de dar sequência à formação acadêmica, sem a necessidade de ingresso imediato no mercado de trabalho.

Por ser um trabalho com uma amostra pouco representativa em termos numéricos, constituindo-se na perspectiva de quatro ex-atletas, sugerimos a replicação da pesquisa com uma amostra maior. Além de pesquisas com ex-atletas mais jovens que passaram pela mesma situação, mas que tiveram acesso às políticas públicas de acesso ao ensino superior, como cotas sociais e raciais, PROUNI, Fies e outros. Tendo em vista que a universidade não estava presente no horizonte dos nossos entrevistados.

Cabe também avaliar a mesma problemática a partir de outras perspectivas teóricas, como a Foucault e a microfísica do poder, analisando as relações sociais nesse campo específico do micro para o macro. Outra sugestão seria expandir essa pesquisa para a formação em outros esportes. Podendo distinguir entre esportes mais consumidos pela classe trabalhadora ou pela classe dominante, e analisar como acontece a formação para o alto nível.

REFERÊNCIAS

ALCANTARA, H. A magia do futebol. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 20, n. 57, p. 297-313, maio/ago. 2006.

ARCHETTI, E. **Masculinidades**: fútbol, tango y polo en la Argentina. Buenos Aires: Antropofagia, 2003.

BOURDIEU, P. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e a cultura. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Org.). **Pierre Bourdieu**: escritos de educação. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 39-65.

BOURDIEU, P. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp, 2007.

BOURDIEU, P. Gostos de classe e estilo de vida. In: ORTIZ, Renato. **A sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Olho D'Água, 2003. p. 144-169.

DAMO, A. S. **Do dom à profissão**: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir de formação de jogadores no Brasil e na França. 2005. Tese (Doutorado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

HELAL, R. **Passes e impasses**: futebol e cultura de massa no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1997.

JACOBS, C. S.; DUARTE, F. **Futebol exportação**. Rio de Janeiro: SENAC, 2006.

MACHADO, I. J. Estado-nação, identidade-para-o-mercado e representações de nação. **Revista Antropologia**, São Paulo, v. 47, n. 1, p. 207-233, 2004.

MATTOS, Valéria De Bettio. Entrevista Biográfica. Uma possibilidade de análise qualitativa de trajetórias educacionais e profissionais de jovens egressos do Ensino Superior. **Atas do 4º Congresso Ibero-Americano de Investigação Qualitativa, CIAIQ, 2015**. Investigação Qualitativa em Educação//Investigación Cualitativa en Educación//Volume 2, 2015, pp. 550-554.

MELO, L. B. S. **Formação e escolarização de jogadores de futebol do Estado do Rio de Janeiro**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação Física)-Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2010.

PRONI, Marcelo Weishaupt. **Esporte-espetáculo e futebol-empresa**. 1998. 275 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

RIAL, C. S. Futebolistas brasileiros na Espanha: emigrantes, porém... **Revista de Dialectología y Tradiciones Populares**, Madrid, v. 61, n. 2, p. 163-190, jul./dez. 2006.

SILVA, Andressa Hennig; FOSSÁ, Maria Ivete Trevisan. Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. **Qualit@s Revista Eletrônica**, v. 17, n. 1, 2015.

SOARES, A. J.; LOVISOLO, H. R. Futebol: A construção histórica do estilo nacional. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 25, n. 1, p. 129-143, set. 2003.

SOUZA, C. A. M. et al. Difícil reconversão: futebol, projeto e destino em meninos brasileiros. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 14, n.30, p.7-17, 85-111, 2008.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social e crítica na era dos meios de comunicação. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

TOLEDO, L. H. **Lógicas do futebol**. São Paulo: Hucitec, 2002.

VIGARELLO, Georges. Sistemas de esportes; esportes concorrentes. In: ENCREVÉ, Pierre; LAGRAVE, Rose-Marie (Coord.). **Trabalhar com Bourdieu**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. p. 185-196.

WACQUANT, L. **Corpo e alma**: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.